



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS COM HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
INGLESA

Ana Paula Mendes Nascimento
Nárrima Tayane de Souza Farias Dantas

**OS REFLEXOS DA INSERÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA INGLESA NAS
PRÁTICAS EDUCATIVAS DE PROFESSORES DA ESCOLA ESTADUAL DR.
ALEXANDRE VAZ TAVARES**

MACAPÁ - AP
2015

ANA PAULA MENDES NASCIMENTO
NÁRRIMA TAYANE DE SOUZA FARIAS DANTAS

**OS REFLEXOS DA INSERÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA INGLESA NAS
PRÁTICAS EDUCATIVAS DE PROFESSORES DA ESCOLA ESTADUAL DR.
ALEXANDRE VAZ TAVARES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para o Curso Licenciatura Plena em Letras/Inglês como requisito para obtenção do Título de Licenciado em Letras/Inglês, orientado pela Prof^a. Esp. Darllen Almeida da Silva.

MACAPÁ - AP
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá

428

N244r Nascimento, Ana Paula Mendes.

Os reflexos da inserção do livro didático de língua inglesa nas práticas educativas de professores da Escola Estadual Dr. Alexandre Vaz Tavares / Ana Paula Mendes Nascimento, Nárrima Tayane de Souza Farias Dantas; orientador, Darlen Almeida da Silva. – Macapá, 2015.

53 f.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Coordenação do curso de Letras.

ANA PAULA MENDES NASCIMENTO
NÁRRIMA TAYANE DE SOUZA FARIAS DANTAS

**OS REFLEXOS DA INSERÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA INGLESA NAS
PRÁTICAS EDUCATIVAS DE PROFESSORES DA ESCOLA ESTADUAL DR.
ALEXANDRE VAZ TAVARES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para o
Curso Licenciatura Plena em Letras/Inglês como
requisito para obtenção do Título de Licenciado em
Letras/Inglês.

Orientadora: Prof^a. Esp. Darllen Almeida da Silva

Aprovado em: ___/___/_____.

Prof^a Esp. Darllen Almeida da Silva

Prof. Esp. Álvaro Tamer Vasques

Prof^a. Esp. Brenda Perpétua Pereira da Mota

MACAPÁ - AP
2015

DEDICATÓRIA

A Deus

Porque Dele, por Ele, para Ele são todas as coisas.

Aos nossos Pais,

*Que nos ajudaram em toda nossa caminhada universitária, nos apoiando em tudo,
sem reclamar.*

Aos nossos maridos,

Que estavam ao nosso lado em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

À Deus pela oportunidade de estar realizando este trabalho.

À nossa Orientadora Professora Darllen Almeida da Silva, que não mediu esforços para contribuir na realização deste trabalho.

Aos membros da Banca Avaliadora, por dedicarem tempo e atenção na lapidação desse trabalho.

Aos nossos companheiros/as, por estarem conosco na luta que escolhemos para nossas vidas, pela perseverança que tiveram para suportar caminhar conosco durante período de tribulações.

Aos nossos familiares, nossa base, que nos ensinaram o melhor caminho a ser trilhado e nos sustentaram enquanto cansados, oferecendo apoio incondicional.

RESUMO

O Livro Didático exerce hoje um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem de línguas, pois muitas vezes, este constitui-se em única fonte de consulta e de leitura tanto dos professores quanto dos alunos. Levando-se em consideração essa importância é que o presente estudo teve como objetivo verificar de que forma se deu a inserção do livro didático de Língua Inglesa na Escola Estadual Dr. Alexandre Vaz Tavares, bem como os reflexos dessa inserção nas práticas educacionais dos envolvidos na pesquisa. A metodologia utilizada teve caráter descritivo, com abordagem qualitativa e quantitativa. Os dados foram coletados no período de setembro de 2014 a maio de 2015. Participaram do estudo três professores de Língua Inglesa, oitenta e seis alunos do Ensino Médio e uma coordenadora pedagógica. Os resultados obtidos levam a compreender que para os docentes a inserção do livro didático não teve reflexo significativo, visto que a maioria não o utiliza, quanto aos alunos não se percebe qualquer tipo de resistência quanto ao seu uso.

Palavras-chave: Livro Didático. Língua Inglesa. Uso. Inserção. Reflexos.

ABSTRACT

Nowadays the textbook plays a fundamental role in the teaching-learning language process because it often constitutes a unique source of information and reading for both teachers and students. Taking into account this importance, this study aimed to verify how occurred the integration of the textbook of English language in the Public School Dr. Alexandre Vaz Tavares and the consequences of this integration in the educational practices of those involved in search. The methodology used was descriptive with a qualitative and quantitative approach. The data were collected from September 2014 to May 2015. The study included three English Language teachers, eighty-six high school students and an educational coordinator. The results lead to understand that for teachers entering the textbook had no significant reflection, since most do not use it, concerning the students do not perceive any resistance on its use.

Key Words: Textbook. English Language. Usage. Insert. Reflexes.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CNLD	Comissão Nacional do Livro Didático
COLTED	Comissão do Livro Técnico e Livro Didático
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FAE	Fundação de Assistência ao Estudante
FENAME	Fundação Nacional do Material Escolar
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
INL	Instituto Nacional do Livro
LD	Livro Didático
MEC	Ministério da Educação
NUPROLID	Núcleo do Programa do Livro Didático
PBA	Programa Brasil Alfabetizado
PCNEM	Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNLA EJA	Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PLIDEF	Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental
PNLEM	Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio
SISCORT	Sistema de Controle de Remanejamento e Reserva Técnica

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	O LIVRO DIDÁTICO NA ESCOLA	13
1.1	A HISTÓRIA DO LIVRO DIDÁTICO	13
1.2	A HISTÓRIA DO LIVRO DIDÁTICO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO BRASIL	15
1.3	O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA	23
2	O LIVRO DIDÁTICO E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA	25
2.1	O LIVRO DIDÁTICO ATRAVÉS DAS METODOLOGIAS DE ENSINO	27
2.2	CRENÇAS DOS PROFESSORES QUANTO AO USO DO LIVRO DIDÁTICO	28
3	DA PESQUISA	32
3.1	CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA	32
3.2	OBJETIVOS E HIPÓTESES	33
3.3	METODOLOGIA	33
3.3.1	Cenário da pesquisa	33
3.3.2	Sujeitos da pesquisa	34
3.4	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	34
4	ANÁLISE DOS DADOS	36
4.1	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES	36
4.2	ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES DE SALA DE AULA	39
4.3	ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS COM OS ALUNOS	40
4.4	ANÁLISE DA ENTREVISTA COM A COORDENAÇÃO	47
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51

APÊNDICE A – Questionário aplicado aos alunos

APÊNDICE B – Roteiro da entrevista semiestruturada aplicada aos docentes

APÊNDICE C – Roteiro da entrevista semiestruturada aplicada à Coordenação Pedagógica

APÊNDICE D – Transcrições das entrevistas com os professores

INTRODUÇÃO

O livro didático, doravante LD, pode ser compreendido como um suporte de conhecimentos e abordagens de ensino, bem como pode orientar as atividades de produção e reprodução de conhecimentos. Libâneo corrobora com esse pensamento ao afirmar que:

O livro didático, em certo sentido, operacionaliza objetivos do ensino, define o que deve ser ensinado e o que deve ser aprendido, tem assim, um papel pedagógico-didático fundamental como apoio ao professor e ajuda no desempenho escolar dos alunos. (Libâneo 2002, p. 127).

Porém, é importante salientar que os livros apresentam lacunas e o professor deve estar sempre atento para trabalhar eventuais adaptações à realidade de sua turma. Assim, cabe ao professor manter-se atento para que a sua autonomia pedagógica não seja comprometida.

Dessa maneira, o LD pode ser compreendido como um material impresso, estruturado, destinado ou adequado a ser utilizado num processo de aprendizagem ou formação. Dada sua importância, em 2011 o LD de língua estrangeira foi inserido nas escolas de Ensino Médio do município de Macapá, com o objetivo de facilitar ou de ser um suporte para professores e alunos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem dessas escolas.

Avalia-se a formação do professor de língua inglesa da cidade de Macapá como essencial diante dessa nova ferramenta de ensino, pois anteriormente à conquista dos livros didáticos, esses professores seguiam suas práticas pedagógicas auxiliadas por outros recursos, diferentes de um LD, impresso, estruturado e com apoio de um CD-ROM reprodutor de áudio, para subsidiar o processo de ensino-aprendizagem. Holden (2009, p. 21) considera uma pena ignorar os recursos multimídias, se disponíveis. Dessa forma, infere-se que a inserção do LD de língua inglesa acarretou transtornos controláveis, porém que podem estar resultando danos ao uso efetivo dessa ferramenta de ensino pelo professor.

Sabe-se que um dos possíveis motivos da não utilização dos recursos que o LD oferece nas escolas públicas deve-se em grande parte à falta de equipamentos que viabilizem a utilização do CD-ROM, e de outros instrumentos que podem facilitar

a dinâmica do ensino, além da inadequação do espaço físico necessário ao ensino de línguas.

Assim, a presente pesquisa buscou analisar os reflexos da inserção do LD nas práticas educativas de professores de Língua Inglesa. Para tal, foi verificado se os professores estavam utilizando o LD como ferramenta pedagógica, pois assim haveria a possibilidade de uma visão mais ampla da recepção do LD na escola. Ainda nesse intuito, foram coletados dados dos alunos das três turmas dos professores pesquisados, bem como a coordenação pedagógica da escola escolhida para desenvolver esse trabalho.

Após o embasamento teórico, foi feita a pesquisa de campo na Escola Estadual Dr. Alexandre Vaz Tavares que foi escolhida, entre vários motivos, por ser referência em educação do Ensino Médio, o que se configura na grande procura por vagas, chegando a serem formadas longas filas no período de matrícula. A instituição possui projetos pedagógicos, tais como Caminhada Alexandrina, que envolve grande parte dos alunos e a comunidade escolar, além de manifestações culturais e exposições, representadas em amostras culturais realizadas pelos alunos com o auxílio dos professores, que buscam expor à comunidade escolar projetos científicos desenvolvidos durante o ano letivo.

Quanto à pesquisa, foram escolhidas três turmas, uma de cada professor pesquisado, com o propósito de analisar o ensino médio como um todo, pois não restringimos a uma única série para que tivéssemos um resultado mais amplo que representasse todo o segmento. Os sujeitos da pesquisa foram três professores de língua inglesa, oitenta e seis alunos e uma coordenadora pedagógica.

O trabalho escrito está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo discorre sobre o LD na escola, discutindo seu histórico de implantação e desenvolvimento nas escolas públicas no Brasil, além de falar do LD de língua estrangeira moderna e, ao final do capítulo, especificamente do LD de língua inglesa. O segundo capítulo aborda o LD e o ensino de língua inglesa, trazendo as metodologias de ensino que norteiam os livros didáticos, bem como discute a relação dos professores com o LD através das crenças da não utilização do mesmo. O terceiro capítulo traz a pesquisa em si, justificando e apontando os objetivos e hipóteses que embasaram o desenvolvimento do trabalho, assim como os

instrumentos metodológicos aplicados para alcançar os resultados. O quarto capítulo é a análise dos dados coletados através dos instrumentos utilizados.

1 O LIVRO DIDÁTICO NA ESCOLA

1.1 A HISTÓRIA DO LIVRO DIDÁTICO

Para iniciar as discussões acerca da história do LD é necessário compreender o que ele vem a ser de fato. O livro didático é definido, conforme Stray (1993, p.77-78), como um “cruzamento da cultura, da pedagogia, da produção editorial e da sociedade”, sendo assim verifica-se que se trata de um produto cultural, composto e híbrido. Com base nisso, é possível entender que, em todos os aspectos, o suporte pedagógico proporcionado pelo LD é de fundamental importância para o ensino de línguas, pois leva em consideração questões sociais nas quais o indivíduo está inserido. Esse valor cultural e pedagógico deve-se também à sua estrutura, que engloba e expõe uma infinidade de gêneros textuais. Vale destacar que atualmente o LD coexiste com vários outros suportes como quadros, mapas, recursos audiovisuais, softwares didáticos, CD-ROM, internet, entre outros, no entanto, continua ocupando espaço central no cenário de sala de aula.

Falar sobre a história do LD implica recordar a história da escrita, citamos aqui Menezes (2009, p.17), pois a autora nos chama atenção para o fato de que o homem registrou sua história em pedra, barro, árvores, ossos, que serviram de suporte para a escrita e ainda hoje ele continua fazendo registros em paredes, nas árvores e na própria pele por meio de tatuagem. Ainda segundo a autora o grande revolucionário das práticas letradas foi o papel, pois a produção de livros era escassa, tendo em vista que eram copiados pelos escravos. Como o papel também era escasso, escritas antigas eram raspadas para que se pudesse reutilizá-lo.

Com o advento da imprensa no século XV os livros tornaram-se os primeiros produtos feitos em série e, ao longo do tempo, foram se solidificando como afirma Gatti, em “fiéis depositários de verdades científicas universais”. (Gatti Júnior, 2004, p. 36).

No artigo *História do Material Didático* Menezes (2009) nos apresenta os precursores do livro. A autora afirma que:

O *volumen* consistia de várias folhas de papiro coladas que eram enroladas em um cilindro de madeira, formando um rolo. O ato de ler era

desconfortável, pois para se localizar um trecho era preciso desenrolar e enrolar o manuscrito. O leitor, com o auxílio das duas mãos, ia desenrolando o *volumen* à medida que a leitura prosseguia. Já o formato do códex se aproximava mais do livro atual com várias folhas de papiro ou de pele de animais costuradas. Mas mesmo assim era grande e desconfortável. (Menezes, 2009, p. 17-18).

Foi, portanto, no século XV, com a invenção da imprensa que a produção de livros estabeleceu um novo momento para a cultura humana, a cultura letrada, pois a partir de então os livros deixaram de ser copiados à mão e passaram a ser produzidos em série. Gandelman (2007) confirma que:

Com Gutenberg, que inventou a impressão gráfica com os tipos móveis (século XV), fixou-se de maneira definitiva a forma escrita, e as ideias e suas diversas expressões puderam finalmente, e aceleradamente, atingir a divulgação em escala industrial (Gandelman, 2007, p. 26).

Assim, apesar da imprensa inaugurar muitas e novas possibilidades para a produção e reprodução de materiais impressos, o que gerou uma quantidade significativa de gêneros textuais, proporcionando impactos na linguagem, cultura e educação, esse suporte de ensino não se popularizou tão depressa no cenário mundial, pois no século XVIII os primeiros livros restringiam-se a gramáticas, como referência à língua escrita, vindo a se tornar mais evidente que o LD não era um material de uso exclusivo do professor, para transcrever ou ditar, apenas no século XIX. Foi a partir de então, que o livro passou a ir diretamente para as mãos dos alunos. Bittencourt (2004, p. 483) afirma que esta mudança de perspectiva, passou a ver o aluno como consumidor direto do livro, o que sinalizou tanto para autores quanto editores, que era necessário modificar o produto para atender novas exigências, transformando e aperfeiçoando sua linguagem. Neste sentido, as ilustrações começaram a se tornar uma necessidade, assim como surgiram novos gêneros didáticos, como os livros de leitura e os livros de lições.

Dessa forma, o livro começou a se popularizar, pois houve um aumento na oferta de papel para a impressão deles, além das inovações tecnológicas no processo de fabricação, o que levou a uma circulação significativa desse material.

O século XX trouxe à tona diversas discussões concernentes ao LD, pois já não bastava ter o material, era necessário conhecer a qualidade desse material, e analisá-lo sob o ponto de vista pedagógico no processo de ensino-aprendizagem.

Percebe-se, portanto, que o avanço e a popularização da tecnologia se refletiram sobre o LD, mas essa ferramenta jamais se distanciou do objetivo com que foi idealizado: facilitar o ensino e a prática docente.

1.2 A HISTÓRIA DO LIVRO DIDÁTICO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO BRASIL

A trajetória para que os livros didáticos chegassem até as escolas brasileiras teve início em 1929, com a criação de um órgão específico para legislar as políticas do livro didático, o Instituto Nacional do Livro (INL). O principal objetivo desse instituto era contribuir para a legitimação do LD em nível nacional, e colaborar na expansão de produção do mesmo. Com isso o primeiro passo foi dado para a inserção do LD na escola, no entanto, foi somente em 1934, no governo de Getúlio Vargas, que o INL ampliou as suas funções, dedicando-se também a edições de obras literárias, elaboração de enciclopédias e de um dicionário nacional, além de contribuir para a expansão do número de bibliotecas públicas.

Em 1938 o LD entrou na pauta do governo quando foi instituída por meio do Decreto-Lei nº 1.006, de 30/12/1938 a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) que estabeleceu a primeira política de legislação para tratar da produção, do controle e da circulação dessas obras. Essa comissão possuía mais uma função de controle político-ideológico do que função didática (FREITAG et al., 1989).

Com o surgimento de questionamentos concernentes à legitimidade desta comissão, o Estado, em 1945, consolidou a legislação sobre as condições de produção, importação e utilização do LD, restringindo ao professor a escolha do livro didático a ser utilizado pelos alunos, conforme definido no art. 5º do Decreto-Lei nº 8.460, de 26/12/1945.

Vale ressaltar que existe a prerrogativa de escolha do LD pelo professor refletir-se ainda hoje nas escolas públicas de todo país, pois através do Guia do Livro Didático, os docentes têm a oportunidade de escolher os livros de sua preferência para serem trabalhados por um período de três anos, sendo que o livro escolhido só poderá ser substituído por outro título no próximo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Assim, através desse programa são escolhidas então duas opções de títulos por disciplina e, se a primeira não conseguir ser negociada

com os detentores dos direitos autorais e editores, a segunda passa a valer. Portanto, Os professores de uma mesma disciplina precisam chegar a um consenso sobre a escolha do livro, pois a mesma obra valerá para toda a escola.

Outras comissões foram criadas advindas de parcerias com o Ministério da Educação (MEC), tal como, a Comissão do Livro Técnico e Livro Didático (COLTED), no entanto foram parcerias que sofreram muitas críticas por parte de educadores brasileiros, o que resultou na extinção da COLTED em 1971. Dessa forma o INL passou a desenvolver o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (PLIDEF), assumindo responsabilidades gerenciais e financeiras.

Em 1976 o INL foi extinto e a Fundação Nacional do Material Escolar (FENAME) tornou-se responsável pelo programa desenvolvido anteriormente pelo INL. Ainda no citado ano, por meio do Decreto nº 77. 107, de 04/02/1976, o governo iniciou a compra de livros didáticos com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e contribuição dos Estados, porém os recursos não foram suficientes para suprir a demanda da rede pública.

Em 1983 substituiu-se a FENAME pela Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), que incorporou vários programas de assistência ao governo, incluindo o PLIDEF. Novamente houve muitas críticas e, conforme aponta Freitag et al. (1989, p. 23), dentre as denúncias estavam a não distribuição dos livros didáticos nos prazos estabelecidos, a pressão política das editoras e o autoritarismo na escolha dos livros. Já nesta época propôs-se a participação dos professores na escolha dos livros e a ampliação do programa, com a inclusão das demais séries do ensino fundamental. É interessante observar que alguns estados já ofereciam aos seus professores a possibilidade de escolha de seus livros didáticos.

O atual PNLD veio substituir o PLIDEF em 1985, com a edição do decreto nº 91.542, de 19/8/85. Ele instituiu alterações significativas, especialmente nos seguintes pontos: garantia do critério de escolha do livro pelos professores; reutilização do livro por outros alunos em anos posteriores, tendo como consequência: a eliminação do livro descartável; o aperfeiçoamento das especificações técnicas para sua produção, visando maior durabilidade e possibilitando a implantação de bancos de livros didáticos; a extensão da oferta aos

alunos de todas as séries do ensino fundamental das escolas públicas e comunitárias; a aquisição com recursos do governo federal, com o fim da participação financeira dos estados, e com distribuição gratuita às escolas públicas. (FNDE, 2008; CASSIANO, 2004).

Em 1992 a distribuição dos livros foi comprometida por limitações orçamentárias, restringindo o atendimento até a 4ª série do ensino fundamental. Em 1993 estabeleceu-se um fluxo regular de verbas para aquisição e distribuição de livros didáticos. Ainda este ano foi realizada, a pedido do MEC, uma avaliação pedagógica dos livros didáticos destinados às primeiras séries do ensino fundamental. Porém, o resultado dessa avaliação foi adiado por várias vezes e quando foi tornada pública, causou grande repercussão entre autores, editores e professores, pois os mesmos alegavam desconhecer os critérios de avaliação. Em 1995 com o retorno à universalização da distribuição do livro didático no ensino fundamental foram contempladas as disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa. Em 1996, a de Ciências e, em 1997, as de Geografia e História.

Em 1996 iniciou-se o processo de avaliação pedagógica dos livros inscritos para o PNLD, sendo publicado o primeiro “Guia de Livros Didáticos” de 1ª a 4ª série. Os livros foram avaliados pelo MEC conforme critérios previamente discutidos. Esses critérios foram divididos em dois grupos: Critérios Eliminatorios referentes à correção dos conceitos e informações, correção e pertinência metodológica, contribuição para a construção da cidadania; e Critérios de Classificação relativos à estrutura editorial, aspectos visuais, ilustrações e do Manual do Professor (BRASIL, 1998, p. 15-16-17). Esse procedimento foi aperfeiçoado, sendo aplicado até hoje. Os livros que apresentam erros conceituais, indução a erros, desatualização, preconceito ou discriminação de qualquer tipo são excluídos do Guia do Livro Didático.

Em 1997 com a extinção da Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), a responsabilidade pela política de execução do PNLD foi transferida integralmente para o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). O programa foi ampliado e o Ministério da Educação passou a adquirir, de forma continuada, livros didáticos de alfabetização, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Estudos

Sociais, História e Geografia para todos os alunos de 1ª a 8ª série do ensino fundamental público.

Em 2000 é inserida no PNLD a distribuição de dicionários da Língua Portuguesa para uso dos alunos de 1ª a 4ª série em 2001 e, pela primeira vez na história do programa, os livros didáticos passaram a ser entregues no ano anterior ao ano letivo de sua utilização. Em 2001 o PNLD ampliou de forma gradativa o atendimento aos alunos com deficiência visual matriculados no ensino regular das escolas públicas, com livros didáticos em braile.

Em 2002 com o intuito de atingir em 2004 a meta de que todos os alunos matriculados no ensino fundamental possuíssem um dicionário de Língua Portuguesa para uso durante toda a vida escolar, o PNLD deu continuidade à distribuição de dicionários para os ingressantes na 1ª série e atendeu os estudantes das 5ª e 6ª série.

Em 2003 o PNLD distribuiu dicionários de Língua Portuguesa aos ingressantes na 1ª série e atendeu os alunos das 7ª e 8ª série, alcançando o objetivo de contemplar todos os estudantes do ensino fundamental com um material pedagógico que os acompanharia continuamente em todas as suas atividades escolares. Foi distribuído também, Atlas Geográfico para as escolas que possuíssem, concomitantemente, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e turmas de 5ª a 8ª série do ensino regular. Ainda neste ano foi publicada a Resolução CD FNDE nº. 38, de 15/10/2003, que instituiu o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM), com execução em 2003.

Em 2004, para o PNLD de 2005, foi feita aquisição e distribuição de livros didáticos para os alunos de 1ª a 4ª série, para reposição e complementação, e a última reposição e complementação do PNLD 2002 aos alunos de 5ª a 8ª série. O atendimento do Ensino Médio foi instituído progressivamente. Em 2004, em seu primeiro ano de execução, foram adquiridos livros de Matemática e Português para os alunos do 1º ano do Norte e do Nordeste.

Foram entregues ainda cerca de 38,9 milhões de dicionários aos estudantes, para uso pessoal e compartilhamento com toda a família, sendo atendidos os alunos de 1ª série e os repetentes da 8ª série. Além disso, 2004 é o ano de criação de uma

ferramenta importante para a execução do PNLD, o SISCORT (Sistema de Controle de Remanejamento e Reserva Técnica). Em 2004, o SISCORT foi implantado em todos os estados, para atender às turmas de 1ª à 4ª série.

Em 2005 foram distribuídos livros didáticos de todos os componentes curriculares para os alunos do ensino fundamental, sendo plena a complementação dos livros consumíveis de 1º ano. No âmbito do PNLEM, houve distribuição de livros de Português e Matemática para todos os anos e regiões. Ainda em 2005, foram incluídas no sistema Siscort as turmas de 5ª a 8ª série.

Em 2006 ocorreu a distribuição de livros didáticos de todos os componentes curriculares para o 1º segmento do ensino fundamental (1ª à 4ª série/1º ao 5º ano), no âmbito do PNLD 2007, e a segunda reposição e complementação do PNLD/2004 (5ª à 8ª série/6º ao 9º ano). No PNLEM, houve reposição e complementação dos livros de Matemática e Português, distribuídos anteriormente, além da compra integral dos livros de Biologia. Para os alunos com surdez que utilizavam a Língua Brasileira de Sinais (Libras), houve distribuição (escolas de 1ª a 4ª série/ 1º ao 5º ano) do dicionário enciclopédico ilustrado trilingue - Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa/Língua Inglesa.

Em 2007 o FNDE adquiriu 110,2 milhões de livros para reposição e complementação dos livros anteriormente distribuídos para os anos iniciais (sendo plena para 1ª série consumível) e distribuição integral para anos finais. Foram atendidos, no ano letivo de 2008, 31,1 milhões de alunos de 139,8 mil escolas públicas. Foram adquiridos, ainda, 18,2 milhões de livros para 7,1 milhões de alunos de 15,2 mil escolas públicas de ensino médio. Seguindo a meta progressiva de universalização do material para esse segmento, o atendimento foi ampliado com a aquisição de livros de história e de química. Houve ainda distribuição de dicionários trilingues de português, inglês e libras para alunos surdos das escolas de ensino fundamental e médio. Os alunos surdos de 1ª a 4ª série receberam ainda cartilha e livro de língua portuguesa em libras e em CD-ROM.

Com a publicação da resolução CD FNDE 18, de 24/04/2007, foi regulamentado o Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA), para distribuição, a título de doação, de obras didáticas às

entidades parceiras do Programa Brasil Alfabetizado (PBA), com vistas à alfabetização e à escolarização de pessoas com idade de 15 anos ou mais.

Em 2008 para utilização em 2009 houve aquisição e distribuição, em caráter de complementação e reposição, dos livros didáticos anteriormente distribuídos aos alunos e todo o ensino fundamental (sendo plena para 1ª série consumível). No âmbito do ensino médio, houve atendimento integral, sendo incluídos os livros de física e geografia. A aquisição dos livros distribuídos no ano anterior para esse segmento (química e história) foi em caráter de complementação e reposição.

Em 2009 houve aquisição de 114,8 milhões de livros didáticos para 36,6 milhões de alunos da educação básica pública, para utilização a partir de 2010, representando um investimento de R\$ 622,3 milhões. O maior volume de investimento foi direcionado às turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental (distribuição integral) e do 6º ao 9º ano (reposição e complementação), com 103,6 milhões de obras distribuídas. Os estudantes de ensino médio receberam 11,2 milhões de exemplares, como complementação e reposição. Ainda em 2009, foram investidos R\$18,8 milhões na compra de 2,8 milhões de obras do PNLA, direcionadas à alfabetização de jovens e adultos, para utilização no mesmo ano. Nesse ano, passaram a ser atendidos pelo Programa, além dos alunos das entidades parceiras do PBA, os alfabetizandos jovens e adultos das redes públicas de ensino. Foram publicadas duas importantes resoluções, a primeira resolução CD FNDE nº. 51, de 16/09/2009, regulamentou o Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos (PNLD EJA). O programa abrangeu o PNLA, visto que atendeu estudantes jovens e adultos também em sua fase de alfabetização.

A segunda resolução CD FNDE nº. 60, de 20/11/2009, estabeleceu novas regras para participação no PNLD: a partir de 2010, as redes públicas de ensino e as escolas federais deveriam aderir ao programa para receber os livros didáticos. A resolução 60 incluiu ainda as escolas de ensino médio no âmbito de atendimento do PNLD, além de adicionar a língua estrangeira (com livros de inglês ou de espanhol) aos componentes curriculares distribuídos aos alunos de 6º ao 9º ano. Para o ensino médio, também foi adicionado o componente curricular língua estrangeira (com livros

de inglês e de espanhol), além dos livros de filosofia e sociologia (em volume único e consumível).

Em 2010, para utilização a partir de 2011, foram investidos R\$893 milhões na aquisição e na distribuição de 120 mil livros para todo o ensino fundamental. Houve reposição e complementação para anos iniciais, sendo plena para alfabetização linguística e alfabetização matemática de 1º e 2º anos, e distribuição integral para anos finais. Para esse segmento foram distribuídos livros de língua estrangeira pela primeira vez, sendo que foram investidos no ensino médio, R\$184 milhões para a aquisição e distribuição de 17 milhões de livros, visando a complementação e reposição da distribuição integral realizada em 2009. Ainda em 2010, o atendimento à EJA foi ampliado, com a incorporação do PNLA ao PNLD EJA. Assim, passaram a ser atendidos os alunos de 1º ao 9º ano das escolas públicas e entidades parceiras do PBA. Nesse ano foram investidos R\$20 milhões na aquisição e distribuição de mais de 2 milhões de livros direcionados à alfabetização. Visando incrementar a aprendizagem no ciclo de alfabetização, foram adquiridas, pela primeira vez, obras complementares para os alunos de 1º e 2º anos do ensino fundamental. Ainda em 2010, foi publicado o Decreto nº. 7.084, de 27/01/2010, que dispôs sobre os procedimentos para execução dos programas de material didático: o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE).

Em 2011, o FNDE adquiriu e distribuiu integralmente livros para o ensino médio, inclusive na modalidade EJA. O material foi utilizado inicialmente em 2012. Pela primeira vez os alunos desse segmento receberam livros de língua estrangeira (Inglês e Espanhol) e livros de Filosofia e Sociologia (volumes únicos e consumíveis). Para os alunos do ensino fundamental, foram distribuídos os livros anteriormente escolhidos, para reposição e complementação do PLND 2010 e do PNLD 2011. Os alunos de 1º e 2º ano receberam complementação plena dos livros de alfabetização linguística e alfabetização Matemática. Foram distribuídos ainda livros para os alunos do ensino fundamental da EJA, conforme previa a Resolução CD FNDE nº. 51 de 2009. Com o investimento de R\$ 140,6 mil reais, foram distribuídos 14,1 milhões de livros, atendendo cinco milhões de alunos.

O PNLD 2012 foi direcionado à aquisição e à distribuição integral de livros aos alunos do ensino médio (inclusive na modalidade EJA), bem como à reposição e

complementação do PNLD 2011 (6º ao 9º ano do ensino fundamental) e do PNLD 2010 (1º ao 5º ano do ensino fundamental).

Em 2012 foi publicado edital para formação de parcerias para estruturação e operação de serviço público e gratuito de disponibilização de materiais digitais a usuários da educação nacional. O edital teve por objetivo a realização de acordos de cooperação entre o FNDE e instituições interessadas para a estruturação e a operação de serviço virtual, o qual disponibilizou obras digitais, bem como outros conteúdos educacionais digitais para professores, estudantes e outros usuários da rede pública de ensino brasileira. Houve uma intenção de enfatizar os títulos do PNLD.

Além disso, também em 2012, pela primeira vez, as editoras puderam inscrever no âmbito do PNLD 2014, objetos educacionais digitais complementares aos livros impressos. Esse novo material multimídia, que incluía jogos educativos, simuladores e infográficos animados, foi enviado para as escolas em DVD para utilização pelos alunos dos anos finais do ensino fundamental no ano letivo de 2014. O DVD é um recurso adicional para as escolas que ainda não têm internet. Os novos livros didáticos trouxeram também endereços on-line para que os estudantes tivessem acesso ao material multimídia, complementando o assunto estudado, além de tornar as aulas mais modernas e interessantes. Já para o ano letivo de 2015, foi lançado em 2012 o edital que previa que as editoras poderiam apresentar obras em multimídia, reunindo livro impresso e livro digital.

A versão digital deveria trazer o mesmo conteúdo do material impresso mais os objetos educacionais digitais, como vídeos, animações, simuladores, imagens, jogos, textos, entre outros itens para auxiliar na aprendizagem. O edital também permitiu a apresentação de obras somente na versão impressa, para viabilizar a participação das editoras que ainda não dominam as novas tecnologias. Esse material foi destinado aos alunos e professores do ensino médio da rede pública.

Assim, pode-se perceber que a trajetória do LD em todos os seus aspectos sofre modificações ano após ano com o intuito de melhorar a educação e contribuir para a construção do conhecimento dentro e fora do ambiente escolar, uma vez que

o caminho que as editoras têm percorrido leva ao uso das novas tecnologias, através dos objetos educacionais supracitados.

1.3 O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA

O LD como já se discutiu até aqui é um material presente e importante na prática escolar, neste sentido abordaremos mais especificamente o LD de Língua Estrangeira Moderna, que foi recentemente adotado por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para auxiliar o professor de língua estrangeira a trabalhar questões que vão desde competência discursiva até o senso crítico do aluno, sempre compreendendo a língua como prática social e política.

No entanto, o uso do LD na escola pública remonta muitos questionamentos e desafios, uma vez que podem trazer conteúdos extremamente extensos, o que implicaria mais de uma aula semanal para que o professor consiga trabalhá-lo de forma integral. Além disso, uma fala bastante frequente que parte de professores de línguas é que o “nível” dos conteúdos propostos está acima do “nível” de língua dos alunos, visto que os autores de livros do ensino médio partem do princípio de que o aluno já estudou inglês de forma eficaz por quatro anos no ensino fundamental e que no ensino médio, devem-se consolidar o conteúdo linguístico e a prática das quatro habilidades. Estas, dentre outras situações são apontadas como dificuldades e muitas vezes, barreiras, para que o LD torne-se ferramenta efetiva de ensino de LE.

Considerando o LD como um instrumento complementar na aquisição de conhecimentos, vale ressaltar sua importância para o conhecimento da cultura da língua estudada, uma vez que o LD apresenta textos variados que abordam questões culturais e éticas para discussão. No entanto, de acordo com Almeida Filho (1992, p.13) é necessário que haja seleção criteriosa de materiais, a escolha e construção de procedimentos para experienciar a língua alvo, e as maneiras de avaliar o desempenho dos participantes. Esse conceito reforça a ideia de que a língua estrangeira possibilita ao aluno a chance de transporta-se para outros lugares, situações e pessoas. Dessa forma, Almeida Filho nos chama atenção para a participação efetiva do professor no processo de ensino aprendizagem, pois o LD

deve perpassar pela avaliação e adaptação do professor sem ser considerado como algo pronto e acabado.

No entanto, o que se observa é que alguns professores, segundo Machado (1996 p. 31), tornam-se, voluntariamente ou não, escravos do LD, suas preocupações constituem-se em “dar” toda a matéria contida no livro em lugar de trabalhar as ideias essenciais daquela série, o foco passa a ser o livro e não a aprendizagem. Para esses professores, atualizar o currículo significa, simplesmente, adotar um livro publicado mais recentemente. O uso exclusivo e constante do LD pode causar monotonia e conseqüentemente, o desinteresse do aluno. Para haver aprendizagem são necessárias experiências variadas, interessantes e significativas. É desestimulante ver o professor usando os mesmos exemplos e exercícios todos os anos.

Vale ressaltar também que o uso exaustivo do LD pode diminuir as possibilidades de interação entre os alunos e o professor, na busca do que é realmente significativo na aula. Portanto, seu uso deve possibilitar autonomia e senso crítico ao professor e, dessa forma, o docente deve transformar seu conteúdo em ferramenta útil e eficaz no cotidiano escolar.

2 O LIVRO DIDÁTICO E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

O ensino de Língua Inglesa tem grandes aliados no que concerne aos materiais didáticos, pois há recursos diversos disponíveis que podem tornar o processo de ensino aprendizagem satisfatório, tais como livros didáticos, revistas, CD-ROM, filmes, séries, músicas, blogs, entre outros. Tal fato nos remete então ao conceito de material didático. Tomlinson (2001, p. 66) é um dos autores que discutem esse conceito e para ele, o papel do LD é facilitar a aprendizagem de uma língua estrangeira. Segundo o autor, os materiais didáticos podem ser linguísticos, auditivos, sinestésicos e apresentam-se de diversas maneiras (CD-ROM, DVDs, impressos, entre outros). Podem, ainda, ser instrucionais (quando criados exclusivamente para fins pedagógicos); experimentais (quando fornecem exposição à língua em uso); elicitativos (quando estimulam uso da língua); exploratórios (quando buscam descobertas sobre a língua em uso). (TOMLINSON, 2001, p. 66)

A partir desta perspectiva considera-se o LD como uma das formas de material didático e não como a única forma. O LD, então, tem caráter instrucional por excelência, porém pode apresentar as outras características com as supracitadas.

Atualmente, os livros didáticos representam um material de trabalho importante para o professor que pode não ter possibilidade de encontrar outras fontes e materiais didáticos para auxiliar sua prática pedagógica. Em escolas públicas, por exemplo, ele pode tornar-se o único material didático utilizado, uma vez que são poucos – ou em alguns casos, nenhum – os recursos.

Dessa maneira, devido sua reconhecida importância, o LD vem sendo alvo de inúmeros estudos e debates, o que explica a diversidade de olhares quanto à eficácia e aplicabilidade do mesmo. Existem, portanto, estudiosos que defendem seu uso, e outros que criticam sua função comparando-o a uma bíblia, muleta, e fardo, ou seja, algo que tirará a autonomia do professor, o que contraria a visão de Tomlinson (2001, p. 67) quando este afirma que o LD pode ser visto como guia e ferramenta auxiliar.

Outro ponto importante que corrobora com a visão de Tomlinson refere-se ao conceito de progressão de conteúdos. Tal progressão consiste na continuidade de conteúdos presentes no livro para cada série, o que constitui um ponto positivo

quanto ao uso do LD, uma vez que promove uma organização dos conhecimentos por etapa de ensino. Essa progressão para Lopes (2007, p. 208) demonstra que o LD é “uma versão didatizada de conhecimentos para fins escolares”, o que implica dizer que ele é uma ferramenta, que se bem utilizada, torna-se muito importante. No entanto, o LD apesar de oferecer material pronto não deve ser encarado como única fonte, pois o professor tem liberdade de preparar material complementar e adequado para suas turmas. Não se descarta aqui o caráter coeso que os livros didáticos possuem, uma vez que buscam adaptar seus conteúdos às etapas de evolução no aprendizado de línguas, ou seja, buscam apresentar conhecimentos convenientes para cada série.

As críticas surgem quando são trazidos à tona questionamentos do tipo: onde foram produzidos os livros didáticos? Quais são as metodologias ligadas a eles? Qual o contexto cultural? Para que tipo de escola foi produzido? Qual o grau de complexidade do livro? Quais os assuntos abordados? Estes questionamentos revelam-se consistentes à medida que a pluralidade dos alunos é considerada como fator primordial para saber “o quê” e “como” ensiná-los.

Dialogando com o professor, Holden (2009) ressalta que estes se sentem muitas vezes dominados pelo LD:

(...) você não deveria se sentir dominado pelo conteúdo ou pela apresentação desses livros. (...) você conhece a sua situação de ensino e seus alunos, e, portanto, sabe qual é o livro didático certo para alcançar suas metas. (...) no fim a questão não é o melhor livro didático, e sim o mais apropriado para suas necessidades. (Holden 2009, p. 161).

Na perspectiva das necessidades, é importante ressaltar que o caminho certo para alcançar as metas propostas por Holden (2009 p. 161) é identificar as necessidades dos alunos e do professor. Dos alunos porque se sabe que as necessidades diferenciam-se muito de um aluno para o outro, como também de uma região para outra. Do professor, porque ele, melhor que ninguém, sabe quais são seus objetivos.

Assim, é válido ressaltar que as lacunas deixadas pelo LD podem – e devem – ser preenchidas pelo professor, para que o ensino de Língua Inglesa possa alcançar seus objetivos.

2.1 O LIVRO DIDÁTICO ATRAVÉS DAS ABORDAGENS DE ENSINO

Ao longo dos tempos, as concepções organizacionais e metodológicas vêm mudando de acordo com o contínuo avanço de metodologias que norteiam o fazer pedagógico, isto acontece porque cada uma das metodologias de ensino de língua estrangeira aborda e privilegia competências de forma diferenciada.

Avaliando livros didáticos de Língua Inglesa pode-se observar esta inclinação a uma ou mais abordagens, ou seja, cada livro é organizado pensando em uma abordagem específica, ou mais de uma. O fato se dá pela influência desta abordagem na vida pedagógica dos autores dos livros didáticos.

Uma das mais antigas abordagens é a de **tradução e gramática** que se baseia em traduções da língua estrangeira para a primeira língua, usando textos para comparar uma estrutura linguística com a outra, fazendo com que a oralidade não seja privilegiada, pois não é o foco do método, e deixando o aluno como mero receptor de conhecimentos. O foco dos livros didáticos que se baseiam neste método está “na leitura e produção escrita, mas de maneira muito mecânica, sem o objetivo de construção de sentidos, pois a concepção de língua que se tem é da língua como código e, por isso, transparente e neutra.” (Morosov e Martinez 2008, p. 24)

Outra abordagem que pode ser citada é a **abordagem direta** que surgiu como um contraponto ao método da tradução e gramática. Sua premissa está baseada na máxima oralidade dentro de sala de aula, ou seja, os alunos só iriam aprender a língua falando a língua. Assim, o “aluno não tem papel passivo, pois interage com o professor passo a passo durante a aula.” (Morosov e Martinez 2008, p. 27) O LD baseado nessa abordagem não apresenta textos extensos, mas “diálogos situacionais e pequenos trechos de leitura” (Morosov e Martinez 2008, p. 27).

Vale considerar também a abordagem voltada à **leitura**, a qual tem como foco principal desenvolver a habilidade para a leitura, por isso o livro trabalha com exercícios escritos e questionários baseados em textos. É uma proposta de aliar a abordagem da tradução e gramática com a direta, promovendo o enfoque para a escrita, bem como a preocupação em expor o aluno à língua. A gramática é necessária apenas para auxiliar na compreensão do que está sendo lido.

Destaca-se também a **abordagem audiolingual** surgida no decorrer da Segunda Guerra Mundial devido à necessidade dos exércitos de formar falantes em curto espaço de tempo. Essa abordagem consiste na atividade de audição de diálogos e falas em laboratórios de línguas, para em seguida o aprendiz reproduzi-los oralmente. Defende ainda, que a língua é a fala e não a escrita, que ela é um conjunto de hábitos condicionados através do estímulo e resposta, que o aluno deve ser exposto a fatos, assim como na abordagem direta, que as línguas são diferentes, promovendo a comparação entre as línguas e suas culturas. O LD baseado nesta abordagem apresenta seu conteúdo em forma de diálogos contextualizados, seus exercícios são feitos com *drills*¹ e há pouco ou quase nenhum conteúdo gramatical.

Outros movimentos surgiram na década de 1970, no entanto, o mais destacado e discutido foi a **abordagem comunicativa**, tal abordagem visa adequar a língua à situação, ou seja, um ensino contextualizado no qual o aluno aprende estratégias para se comunicar. Segundo Morosov e Martinez, “a principal diferença dessa abordagem pra as outras apresentadas anteriormente é o foco da aprendizagem estar na comunicação, e não na estrutura da língua, ou seja, na gramática.” (Morosov e Martinez 2008, p. 42). É uma das abordagens mais utilizadas atualmente e seu livro didático integra as quatro habilidades (falar, ler, escutar e escrever), além de trazer temas atrativos para o aluno.

A partir da **abordagem comunicativa** alguns movimentos pós-comunicativos surgiram trazendo outras preocupações para a sala de aula, como o “foco no aluno, na interação, nas necessidades individuais, nos estilos de aprendizagem” (Morosov e Martinez 2008, p. 53). Assim, esses novos conceitos deram origem a outras abordagens como as abordagens por conteúdo ou por tarefas, as abordagens participativas, dentre outras.

Como se percebe, há diversas abordagens para o ensino de língua estrangeira, o que se reflete no LD, o qual pode estar baseado em um ou mais abordagens de ensino, o que não significa que o professor não tenha a liberdade de usar outras, restringindo-se tão somente à abordagem que norteia o LD adotado.

2. 2 CRENÇAS DOS PROFESSORES QUANTO AO USO DO LIVRO DIDÁTICO

¹ Repetição de frases curtas ou frases longas parte por parte, repetição de modelos de perguntas e respostas, repetições de sentenças afirmativas, negativas ou interrogativas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) reforçam que o estudo das Línguas Estrangeiras Modernas deve ser “tão importante como qualquer outra do currículo, do ponto de vista da formação do indivíduo” (2000, p. 25), sendo assim, não há como ignorar a importância de estudar uma língua estrangeira, uma vez que ela dá oportunidades para o aluno se integrar em um mundo globalizado.

Conforme preconizam os PCNEM, os meios utilizados para se chegar ao objetivo de fazer o aluno cidadão do mundo perpassam pelo uso de ferramentas que facilitarão ao discente a aquisição de uma língua estrangeira de forma rápida, dinâmica e atrativa. Tais ferramentas quando utilizadas para o ensino, tornam-se materiais didáticos, como é o exemplo de vídeos, músicas, revistas, jornais, etc.

Embora o LD seja uma ferramenta produzida necessariamente para fins didáticos, seu uso não é obrigatório em escolas públicas, mas por vezes o professor abre mão de utilizar este recurso baseado em crenças que podem distanciá-lo de um material que poderia auxiliá-lo.

Raymond & Santos (1995) definem as crenças educacionais como ideias e convicções a respeito de temas relacionados à Educação que se revelam, conscientemente ou não, nas ações dos professores. Almeida Filho (1993) compartilha desta ideia quando enfatiza que as crenças de aprender dos alunos e a abordagem de ensinar dos professores influenciam suas ações e seu discurso, além disso, o autor afirma que as crenças são forças capazes de influenciar todo o ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira.

Ainda concernente às crenças, Jorge (2009 p. 162-168) traz possíveis questionamentos que configuram um impasse sobre o ensino de Língua Estrangeira na rede pública, tais como a carga horária insuficiente ao ensino de línguas, as diferenças culturais existentes entre os estudantes de cada região do país, o desinteresse dos alunos quanto ao aprendizado da língua, tais questionamentos podem levar professores e alunos a construírem crenças que atrapalham ou atrasam o ensino-aprendizagem de Língua Inglesa. Porém, a autora afirma que o importante são “as práticas pedagógicas inovadoras, coerentes com as necessidades de

nossos alunos, que possibilitem a exploração do potencial prático e educativo do ensino de Língua Estrangeira”.

Não se pode ignorar o fato que essas crenças existem e muitas delas podem influenciar o professor a não utilizar o LD, uma vez que ele pode não perceber que há certos “preconceitos” quanto ao ensino de Língua Estrangeira. Tal atitude pode tirar oportunidade do aluno de ter contato com um material tão rico e cheio de informações.

Uma das crenças diz respeito ao fato de que se considera impossível ensinar inglês em escola pública. Para muitos professores o ensino de Língua Inglesa depende de condições adequadas que uma escola pública não oferece. Analisando tal pensamento cabe uma pergunta: se existe tal crença, qual o papel do professor de inglês? Seria somente uma figura ilustrativa?

É importante tal reflexão, pois os desafios existem em qualquer profissão e se fazem mais latentes ainda ao profissional da educação, no entanto, eles devem ser vencidos. Uma vez que o professor considera que é impossível que ele faça seu trabalho, ele não buscará meios de fazê-lo e assim, o LD não será visto como ferramenta.

Observa-se então que as crenças podem subestimar a capacidade dos alunos, o que traz outra crença de que o LD é considerado por muitos como inadequado para o “nível” dos alunos. Cabe aqui outro questionamento: de que forma é diagnosticado o “nível” dos alunos? Ao considerar que o LD não é adequado ao nível de seus alunos, o professor diz saber exatamente o nível deles. No entanto, é preciso levar em consideração que comumente as turmas são mistas, ou seja, temos em uma mesma sala de aula alunos em diferentes níveis de aquisição e que aprendem de diferentes formas. Cabe então ao professor a capacidade de adaptação de seus materiais, incluindo o LD para atender essa pluralidade.

Dessa forma, em meio a crenças de aprendizagem, levanta-se aqui uma questão direcionada diretamente ao professor: o LD estaria inadequado ao aluno ou ao professor? Ocorre que alguns professores de inglês por não terem conhecimento da língua que ensinam, sentem eles mesmos dificuldade em entender os textos, e o conteúdo do livro, preferindo então aquele material que melhor se adequa a seus próprios conhecimentos.

Há ainda a crença de ignorar a progressão de conteúdos natural para qualquer série, ou seja, ao invés do professor avançar gradativamente os assuntos ele se condiciona a poucos conteúdos ou apenas um, o que faz o aluno sentir-se estagnado sem entender o porquê de estudar sempre os mesmos assuntos.

Conforme visto, diversas são as crenças que existem e podem dificultar a utilização do LD, visto que o preconceito faz com que o professor abandone a vontade de tentar superar as dificuldades dele mesmo e de seus alunos. Porém, para que as mudanças sejam bem-vindas, é necessário reconhecer as crenças de todos os envolvidos no processo, visando uma harmonia nesta interação.

3 DA PESQUISA

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA

Atualmente, o LD tem papel importante na sociedade por produzir, compartilhar e auxiliar na aquisição de conhecimentos. Na sociedade macapaense o uso do LD de língua estrangeira vem se expandindo de forma significativa, pois segundo dados do Núcleo do Programa do Livro Didático (NUPROLID), das 170 escolas estaduais existentes em Macapá, todas estão contempladas com livros didáticos de língua estrangeira, seja de língua inglesa ou de língua espanhola.

Os livros didáticos de Língua Inglesa são distribuídos na rede pública de ensino através do PNLD e para o ensino médio são destinados livros de língua estrangeira consumíveis, como podemos observar na Resolução nº 42, de 28 de agosto de 2012 “livros didáticos, seriados e consumíveis, para 1º ao 3º ano, abrangendo o componente curricular de Língua Estrangeira (Inglês e Espanhol)” (Brasil, 2013).

Tendo em vista que os livros didáticos de língua estrangeira são consumíveis, eles tornam-se um instrumento valioso, já que o aluno pode utilizar em pesquisas pessoais, levar conhecimento a sua família, enfim, despertar interesse pela leitura. Assim, o LD passa a assumir papel importante no ensino de língua estrangeira uma vez que oferece subsídios que permitem funcionar como facilitador em sala de aula para professores e alunos.

É importante levar em consideração que o professor precisa antes de tudo, entender o LD como ferramenta de auxílio e não como um instrumento de ensino pronto e acabado, pois ele oferece ao professor conteúdos que precisam ser adaptados, modificados e em alguns casos ignorados por não corresponder a realidade do aluno. Essa condição de acrescentar e modificar que o professor possui, permite aproximar ainda mais o LD a realidade do aluno facilitando o processo de ensino-aprendizagem.

Um desafio importante é criar meios para que o professor possa realizar seu trabalho, sem maiores interferências. Sabe-se que o LD oferece possibilidades valiosas, porém a educação pública ainda não dispõe da estrutura necessária para um ensino de qualidade. Portanto, há o problema de ter um LD e não ter condições

adequadas para o uso efetivo dessa ferramenta, tais como espaço físico compatível com o uso de recursos áudio visuais, número adequado de alunos em sala de aula e mesmo a disponibilidade dos recursos áudio visuais.

3.2 OBJETIVOS E HIPÓTESES

Os objetivos da pesquisa consistem em analisar o uso do LD pelos professores e os reflexos de sua inserção nas práticas educativas dos mesmos, analisar também a opinião dos alunos acerca do LD, suas preferências e percepções quanto ao uso em sala de aula, bem como constatar como a coordenação pedagógica lida e conduz os professores a escolherem o LD, observando todo o universo que rodeia o uso, a escolha, as percepções, os anseios da comunidade interescolar em relação ao LD, e se ele tem tido reflexos positivos ou negativos desde sua inserção.

O presente estudo motivou-se pela observação empírica que gerou hipóteses determinantes para a não utilização do LD no processo de ensino aprendizagem, dentre as quais podemos citar:

- Os professores não consideram importante o LD como ferramenta de ensino.
- Os professores não estão preparados para lidar com esse novo aporte didático-pedagógico.
- O LD não norteia a prática dos professores da escola pesquisada.
- Os professores não consideram o conteúdo do LD condizente com os conhecimentos dos alunos.

3.3 METODOLOGIA

3.3.1 Cenário da pesquisa

A Escola Estadual Dr. Alexandre Vaz Tavares foi escolhida para realização da pesquisa para se fazer entender os reflexos da inserção e do uso do LD de língua inglesa em uma instituição que é referência no município de Macapá. Localizada na Av. Antônio Coelho de Carvalho, bairro do Trem, zona central da cidade de Macapá.

A escola atende alunos oriundos dos bairros centrais da cidade, e uma parte da zona norte. Os espaços físicos são bem distribuídos contendo dezesseis salas de aula, quatro banheiros, um bebedouro, uma biblioteca, uma sala de vídeo, uma sala de informática, um auditório e uma quadra esportiva.

Os materiais didáticos utilizados são os livros e apostilas, ambos usados com muita frequência. Os suportes de ensino são quadros brancos, retroprojeter, Datashow, televisão, computadores, aparelhos de som.

Quanto aos recursos humanos, a escola dispõe de um corpo docente composto de aproximadamente noventa professores, sendo oitenta e três ativos em salas de aula, e do total, quatro são professores de língua inglesa. O corpo discente é composto de aproximadamente 1.400 alunos, distribuídos em trinta e oito turmas de primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio, nos períodos matutino, vespertino e noturno.

3.3.2 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram três professores de Língua Inglesa do ensino médio da Escola Estadual Dr. Alexandre Vaz Tavares, oitenta e seis discentes e a Coordenação Pedagógica.

Como citado anteriormente, a escola possui no seu quadro quatro professores de língua inglesa, no entanto, um deles não contribuiu com a pesquisa, devido à falta de disponibilidade.

Procurou-se investigar, por meio de questionários, observações e perguntas informais, pontos relevantes relacionados, dentre outros, à percepção, interesse, uso, escolha e opinião sobre o LD.

3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Para coleta de dados foram utilizados três instrumentos, a saber, entrevista semiestruturada, questionários e observação livre. Foi aplicada aos professores e à coordenação pedagógica a entrevista semiestruturada, por considerar que eles teriam maior liberdade para contribuir com suas opiniões. As entrevistas realizadas foram todas gravadas para facilitar o momento de descrição e análise dos dados

obtidos. Para Triviños (1987, p. 146), a característica da entrevista semiestruturada é formada por questionamentos básicos, que originaram as teorias e hipóteses baseadas ao tema da pesquisa. Para ele “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão da totalidade [...]”.

A observação livre foi escolhida como técnica para verificar se os resultados obtidos com as entrevistas eram condizentes com as práticas pedagógicas dos professores em situação real de sala de aula, nesse caso, as aulas foram observadas sem cometer qualquer interferência no processo didático dos professores envolvidos na pesquisa.

Os questionários foram utilizados somente com os alunos, pois o mesmo é composto de perguntas objetivas que ajudaram a gerar dados relevantes para garantir informações das partes envolvidas com o LD, a quantidade de alunos foi um critério de escolha para a aplicação de questionários, visto que, os alunos/sujeitos da pesquisa totalizavam oitenta e seis, o que tornava quase inexecutável a entrevista semiestruturada.

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES

No período da coleta de dados, três professores foram acompanhados e pôde-se entrevistá-los e aplicar os questionários para seus alunos, baseando-se nas entrevistas feitas, será feita a análise a seguir. A entrevista foi composta de 11 perguntas norteadoras para que o professor contribuísse com a pesquisa, vale ressaltar que os professores serão designados como A, B e C.

O professor A atua na docência há 24 anos e na escola atual trabalha há 11 anos, o professor B atua há 22 anos e na escola há 14 anos, o professor C atua há 10 anos na docência somente na escola.

Quando questionados sobre o papel do livro didático no processo de ensino aprendizagem, o professor A afirmou que “o livro é importantíssimo, pois aprender com o visual é bem mais fácil”, o professor também destacou a relevância dos recursos que o LD oferece para que o ensino aprendizagem seja satisfatório. O professor B também considera o LD muito importante, para ele o LD ajuda o professor a se orientar e se nortear nas atividades, tendo assim uma sequência, um suporte para seu planejamento, buscando no livro tópicos que se adequam ao que ele planejou.

O professor C levantou a questão da escolha do LD ser feita pelos professores, e quando enviam “eles enviam o que eles querem”, o que ocasiona uma ruptura na expectativa do professor que sabe a situação de alunos que passam o ensino fundamental II estudando outra língua e quando começam a estudar o ensino médio “não conseguem acompanhar”, ele ainda destaca que os “livros não são ruins, é porque muitas vezes eles não estão dentro do que a gente necessita, não atende as nossas necessidades”.

Assim, percebe-se que os professores reconhecem a importância do LD, embora apenas um deles use em todas as suas aulas. Dessa forma, o LD continua sendo uma ferramenta válida para o ensino aprendizagem, embora não utilizada.

A segunda pergunta foi se desde a inserção do LD, em 2011, houve algum direcionamento sobre como trabalhar com os livros e os três professores deram

respostas negativas, afirmando não ter havido nenhuma orientação ou treinamento específico para o uso do LD de língua estrangeira. Tal fato, como citado antes, fomenta a resposta negativa quanto ao uso do LD, por outro lado, o LD que foi enviado à escola não foi o escolhido pelos professores o que ocasionou neles um sentimento de desrespeito e como resposta a esse equívoco, o professor A recusou-se a utilizar o livro adotado pela escola.

Sobre como se dá a escolha do LD na escola, o professor A respondeu que eles fazem como pede o regulamento: os professores de língua inglesa se reúnem e escolhem o livro, dentre as opções oferecidas pelas editoras credenciadas pelo MEC. No entanto, isso não é uma garantia de que serão atendidos, pois o professor B disse que “o certo seria os professores escolherem”, isso porque o livro que eles escolheram não chegou à escola. O professor também disse que eles já fizeram uma nova escolha de LD e que espera que venha o “certo”. O professor C citou a expectativa que eles têm quando escolhem o livro, esperando que venha o que eles escolheram. Pode-se então perceber certa frustração concernente ao envio de um LD que não foi o escolhido pelos professores. Cabe ressaltar, porém, que na visão didático pedagógica, o LD não pode ser comparado a uma receita, ou seja, não há livro certo ou errado, há livros que são passíveis de adaptações quanto à região/grau de conhecimento/idade, etc.

Quanto ao uso do LD, o professor A respondeu que não usou no decorrer do ano como resposta ao que aconteceu, ele considera um desrespeito com os professores e alunos porque eles se reuniram várias vezes para escolher o livro que eles acharam melhor para o aluno, e acabou não sendo enviado. O professor B afirmou que usa o livro na maioria das aulas, tentando adequar o planejamento que eles fazem no início do ano ao conteúdo que o LD já tem. O professor C disse que tem algumas atividades que ele utiliza do livro, aproveitando “o que dá para aproveitar”. O tímido protesto do professor A não utilizando o LD, em resposta ao equívoco ocorrido, descaracteriza sua fala anterior, quando questionado sobre a importância do LD.

Questionou-se ainda sobre as dificuldades enfrentadas desde a inserção do LD, o professor A disse que foi somente por conta da escolha, destacando o trabalho que tiveram para escolher o LD e afirmando que “mais uma vez o fator político influenciou negativamente no pedagógico”. O professor B relatou que sentiu

dificuldades em usar o livro, pois é para quem “já tem um bom nível de inglês desde a quinta série ou sexta série”, tornando-se “trabalhoso” porque “eles têm dificuldade”. O professor C falou sobre um material apostilado que utiliza desde antes da inserção do LD, material esse que foi produzido ao longo dos anos por ele mesmo, o professor não respondeu se teve ou não dificuldades.

Indagou-se também a frequência de seu uso, o professor A já havia respondido que não utiliza o LD, o professor B respondeu que o utiliza em todas as aulas, tentando “pegar alguma atividade do livro para eles fazerem” e o professor C disse que usa “pouquíssimas” ou “raríssimas” vezes. Observa-se que a frequência de uso está intimamente relacionada à aceitação do livro enviado para a escola.

Em relação aos materiais didáticos que os professores utilizam, o professor A diz que usa recursos próprios compostos de vários conteúdos que ele mesmo selecionou garantindo uma sequência que, para ele, é necessária para que o aluno chegue a ler textos e interpretá-los, também se utiliza de músicas para trabalhar a leitura, bem como dicionários e gramáticas. O professor B relatou que utiliza outros livros, passa assunto no quadro e algumas apostilas. O professor C disse que utiliza a apostila que ele montou, sempre revisando e passando atividades extras.

É pertinente esclarecer que o LD funciona como um instrumento didático capaz de subsidiar a prática pedagógica desses docentes, portanto deixá-lo de lado porque não é o “certo” é abrir mão das possibilidades que ele oferece.

Quando indagados sobre os conhecimentos do LD serem condizentes ou não com o conhecimento do aluno, o professor A respondeu que se o novo LD que eles escolheram chegar à escola será melhor, mas defende que o livro por si só não vai atender o aluno, pois eles chegam ao ensino médio sem a base necessária para ler os textos abordados no LD, assim precisa-se ainda fazer um trabalho prévio antes de utilizá-lo. O professor B destacou que hoje em dia os livros trazem textos que despertam o interesse do aluno, o que facilita a compreensão e o interesse por parte deles. O professor C afirmou que o LD tem conteúdos e vocabulários muito avançados, o que faz ele não ser condizente com o conhecimento dos alunos.

Verifica-se, então, que professores baseiam-se em suas experiências profissionais para determinar o que o aluno deve ou é capaz de aprender, tal

concepção provoca estagnação no processo de ensino-aprendizagem, pois o próprio professor por vezes avalia o aluno incapaz de aprender certos conteúdos.

Fazendo uma análise dos pontos positivos e negativos da inserção do LD, o professor A disse que não usa, então fica difícil analisar, mas espera que o próximo livro seja o que eles escolheram. O professor B diz que de alguma maneira ajudou, mas ele não sabe se utiliza o LD de acordo com as propostas da editora, e sente falta dessa orientação. O professor C disse que ficou muito empolgado quando disseram que iam inserir o LD de língua estrangeira no contexto escolar, mas que esses equívocos quanto à escolha fazem ele não ter como usar um livro que não irá ajudar tanto em sua prática pedagógica.

De modo geral, dos três professores percebe-se que somente o professor B utiliza o LD com frequência, ou seja, do total apenas 33,3% faz uso desse instrumento pedagógico, o que demonstra que os reflexos da inserção do LD não representaram uma mudança significativa na prática da maioria dos professores, visto que eles continuam a escolher e produzir seus próprios materiais.

4.2 ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES DE SALA DE AULA

As observações de sala de aula ocorreram durante um mês e pode-se verificar as práticas pedagógicas dos professores A, B e C. A análise a seguir é resultado do que foi constatado em sala de aula.

O professor A foi muito receptivo à pesquisa, suas aulas são interativas, enquanto explanava o assunto cantava músicas que apresentavam características do conteúdo abordado, os alunos eram muito participativos e ficavam atentos à explicação.

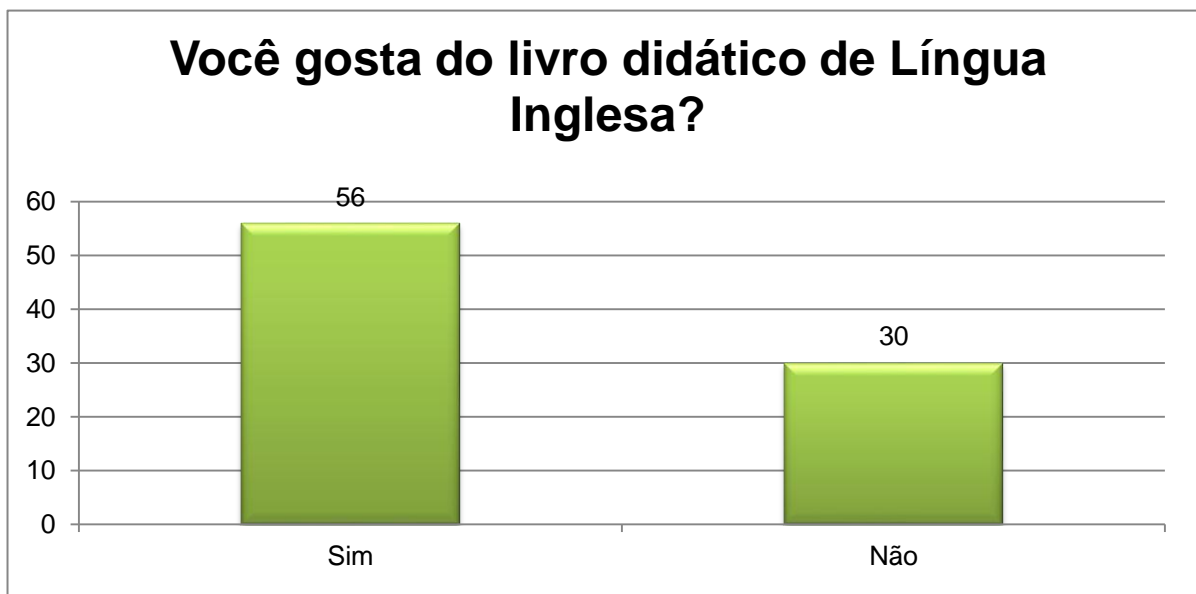
Quanto ao uso do LD, o professor A não o utilizou em nenhum momento, confirmando sua resposta à entrevista. Os assuntos abordados foram escolhidos pelo próprio professor e estavam escritos em um caderno pessoal que servia como base para o que iria ser escrito no quadro branco. Em relação aos outros materiais didáticos, o professor A levou seus próprios recursos tecnológicos para trabalhar uma canção, com o objetivo de expandir o vocabulário.

O professor B foi muito receptivo também, colocando-se à disposição em colaborar com a pesquisa. Suas aulas são baseadas no LD, não houve uma vez que ele utilizasse o quadro branco ou outro recurso para explicar assuntos. A utilização do LD restringe-se em atividades para encontrar cognatos presentes nos textos do livro. O comportamento de seus alunos deixa a desejar na atenção, visto que o professor não pede para que façam silêncio, a maioria faz a atividade de verificação de cognatos, porém percebe-se que eles não gostam de realizá-la, o que confirma que o professor B tem dificuldades na utilização do LD, conforme o próprio professor afirmou na entrevista.

O professor C mostrou-se interessado na pesquisa e ajudou bastante no período de observação. Em suas aulas, os conteúdos ministrados giram em torno de uma apostila construída por ele mesmo, na qual constam conteúdos e exercícios. Os alunos ficam dispersos estudando a apostila sozinhos, se precisam de orientação vão à mesa do professor que, por vezes, usava seu celular em horário de aula. Poucos eram os que faziam suas atividades e o que se percebeu foi que a maioria estava conversando, usando o celular ou fazendo atividade de outra disciplina. Diante do exposto, embora o professor C tenha respondido em sua entrevista que utiliza o LD pouquíssimas vezes, não houve nenhuma aula em que ele tenha usado alguma atividade ou conteúdo norteado ou adaptado do LD.

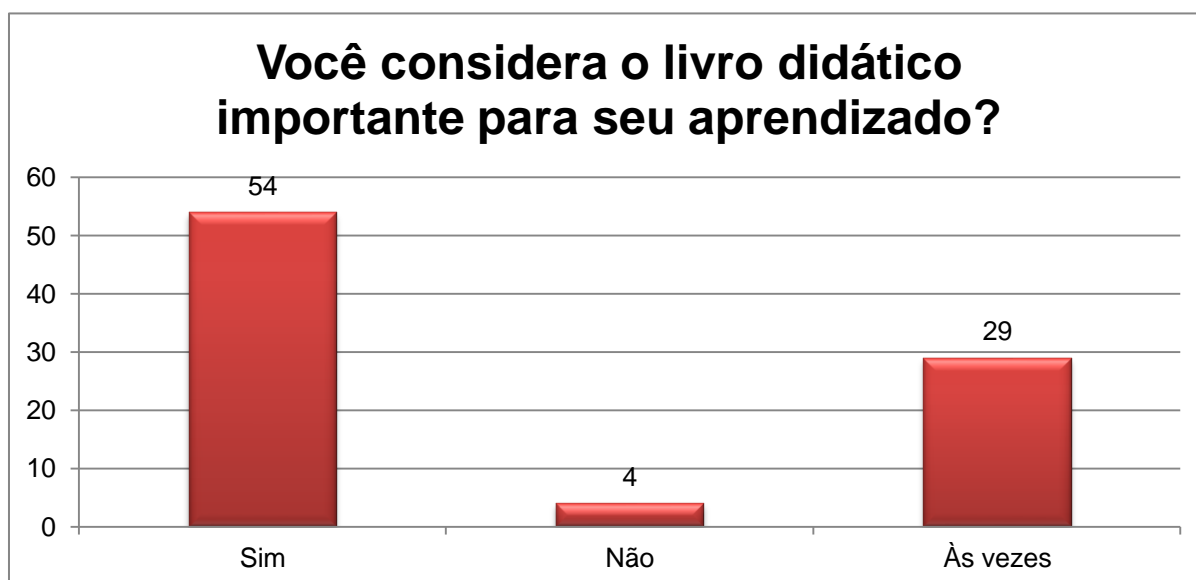
4.3 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DOS ALUNOS

Para análise dos alunos optou-se em fazer um questionário com dez indagações concernentes à relação do aluno com o LD. Os resultados dos questionamentos serão expostos em gráficos, os quais correspondem às perguntas feitas na pesquisa. Foram entrevistados oitenta e seis alunos, que estavam divididos em três turmas, sendo duas do turno da manhã e uma do turno da tarde. Pela manhã foram aplicados os questionários aos alunos de 2º e 3º anos e à tarde de 1º ano.

Gráfico 1: Aceitação do livro didático

Fonte: Pesquisa de campo 2015.

Com relação à aceitação do LD, a maioria dos alunos respondeu que gosta. Percebe-se, desse modo que não há rejeição por parte do aluno, o que demonstra que se o professor utilizasse o LD, este seria bem aceito pelos educandos.

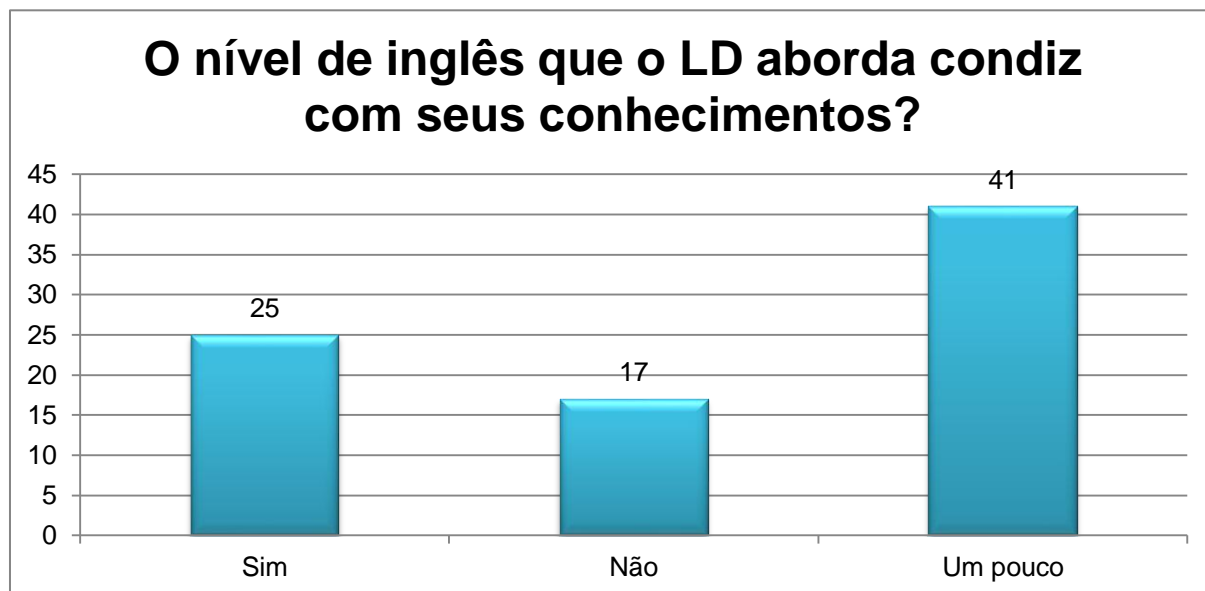
Gráfico 2: A importância do livro didático

Fonte: Pesquisa de campo 2015.

Sobre a importância do LD para o aprendizado do aluno, observa-se que os alunos consideram o LD significativo para seu ensino aprendizagem. Percebe-se

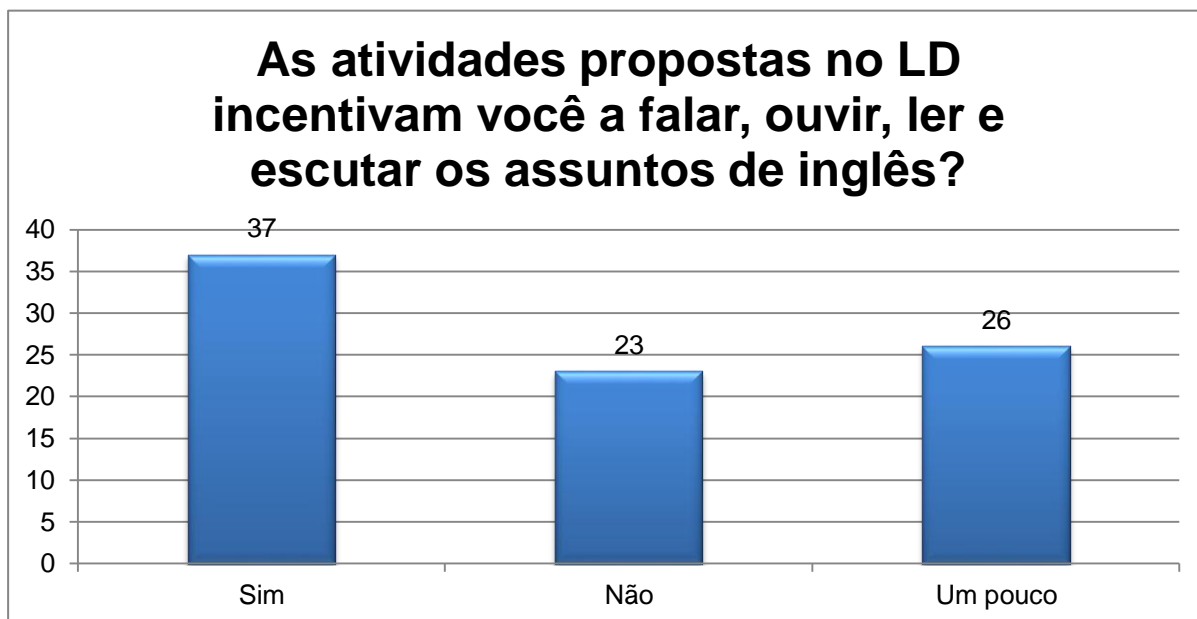
mais uma vez o valor dado pelo aluno ao LD, revelando aceitação considerável pelo seu uso.

Gráfico 3: Adequação do livro didático



Fonte: Pesquisa de campo 2015.

Observa-se que o nível de inglês apresentado no LD condiz pouco com o conhecimento do aluno, isto pode ocorrer pelo fato de o LD adotado não corresponder totalmente à realidade social, cultural e política da região/localidade em que esse aluno está inserido.

Gráfico 4: Atividades do livro didático

Fonte: Pesquisa de campo 2015.

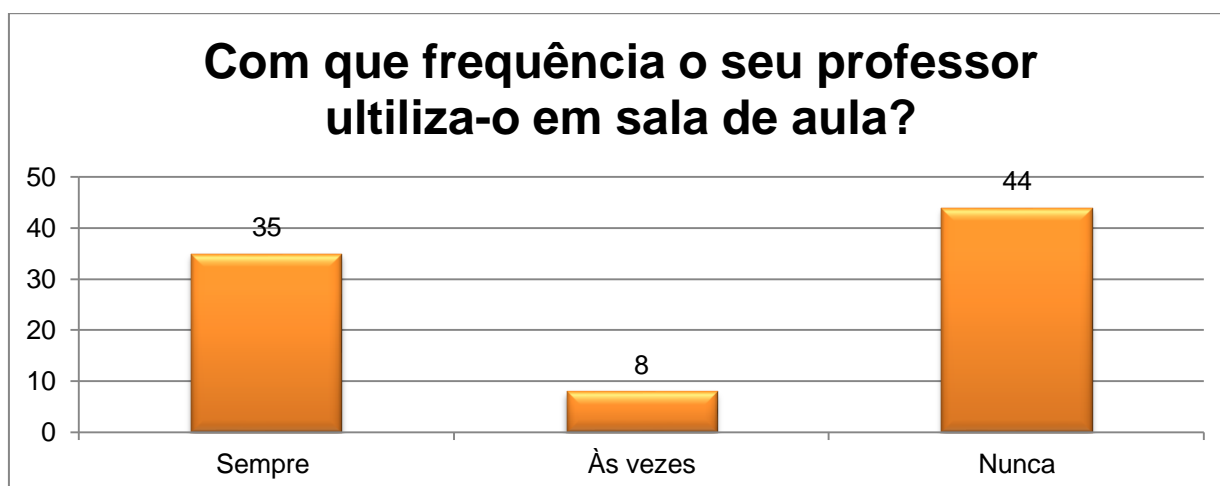
Com relação ao ensino das quatro habilidades, percebe-se que o LD atende de forma satisfatória a elas. De acordo com a maior parte dos alunos, as atividades propostas os incentivam a falar, ouvir, ler e escutar os assuntos em inglês.

Gráfico 5: Conteúdo do livro didático

Fonte: Pesquisa de campo 2015.

A respeito da aparência do LD, observa-se que os alunos consideram o LD pouco interessante no que tange a ilustração gráfica, bem como, a associação texto e imagem que ele apresenta.

Gráfico 6: Frequência de utilização do livro didático



Fonte: Pesquisa de campo 2015.

Observa-se que o professor não utiliza o LD em sala de aula, e quando utiliza é para fins gramaticais, ou seja, embora haja uma aceitação considerável do LD por parte do aluno, e esse mesmo aluno afirme o LD como importante para aprendizagem, os professores não o utilizam.

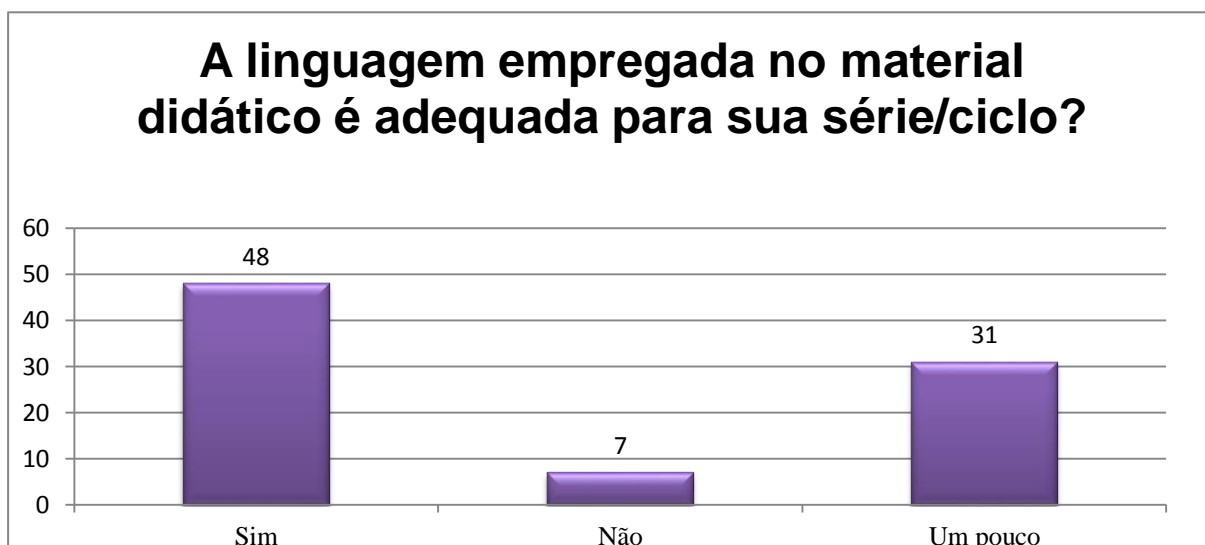
Gráfico 7: Utilização do livro didático fora da sala de aula



Fonte: Pesquisa de campo 2015.

O LD apresenta um CD que vem anexado na capa final. Esse CD reproduz faixas de pronúncia e atividades de *listening*² propostas no LD. Todos os alunos recebem o CD e podem acompanhar em casa as atividades contidas no LD, porém a maioria dos alunos não ouve o CD em casa. Observa-se que o pouco uso do CD esteja relacionado à falta de contato com esse instrumento em sala de aula.

Gráfico 8: Linguagem do livro didático



Fonte: Pesquisa de campo 2015.

Os alunos consideram a linguagem empregada pelo LD adequada para sua série/ciclo. Dessa forma, percebe-se que o aluno se sente capaz de responder satisfatoriamente aos comandos do LD, porém os professores acreditam que seus alunos ainda não conseguem acompanhá-lo, o que pode acarretar na falta de interesse em estudar através do LD em casa.

² Técnica no ensino de língua que tem como objetivo ouvir e entender o que se houve ao mesmo tempo.

Gráfico 9: Atividades do livro didático

Fonte: Pesquisa de campo 2015.

Com relação às atividades mais desenvolvidas no LD percebe-se que *Leitura e Interpretação de Textos* lideram entre as atividades mais realizadas, esse resultado é também um reflexo da mudança do padrão de vestibular no nosso país já que agora o Exame Nacional do Ensino Médio é a porta de entrada para o ensino superior. Dessa forma, as atividades mais realizadas no LD e em sala condizem com o novo instrumento de avaliação para entrada em universidades públicas e particulares. Além disso, o único professor que utiliza o LD em suas aulas faz muitas atividades de verificação de cognatos, o que pode ter levado os alunos a pensar que leitura e interpretação de textos seja apenas procurá-los.

Gráfico 10: Atualidade do livro didático

Fonte: Pesquisa de campo 2015.

Como observa-se no gráfico 9 as atividades com textos são as mais realizadas, então, questionados sobre a atualidade dos textos apresentados no LD, percebe-se que os alunos consideram os textos atuais, interessantes, variados e voltados para sua realidade.

Em suma, constata-se que os alunos acreditam ser capazes de estudar os conteúdos de seus livros, sendo assim mesmo com suas dificuldades o professor pode aproveitar esse interesse para fazer uso de algumas atividades, ainda que adaptadas, para que o aluno não sinta que o LD é um instrumento sem valor.

4.4 ANÁLISE DA ENTREVISTA COM A COORDENAÇÃO

Durante a entrevista com a coordenação pedagógica, tentou-se adquirir um conhecimento mais detalhado sobre o processo de escolha, seleção e uso do LD, buscando, com isso, entender os mecanismos e a participação da coordenação junto ao processo supracitado.

Foram abordadas questões referentes ao processo interno de escolha do LD, a respeito da liberdade do professor em escolher o livro, com relação à monitoria da coordenação quanto ao uso do LD e a opinião da gestão para com o seu uso. Esses

questionamentos foram respondidos por uma das coordenadoras da escola que já trabalha na instituição de ensino a um tempo significativo.

O objetivo central é o processo de escolha do LD, e conforme os dados repassados pela coordenadora essa escolha é feita a cada três anos, de acordo com uma sugestão do PNLD. A coordenadora explica que “é um ciclo que se inicia e precisa ser concluído”, referindo-se a escolha de um LD para um triênio.

O processo de escolha inicia-se com o envio de um mapa pelo MEC, juntamente com um cronograma do PNLD a ser cumprido até a escolha do LD, através de um catálogo encaminhado à escola. A coordenadora ressaltou ainda que as editoras credenciadas pelo PNLD enviam os livros para a escola e quando esses livros chegam começa então o processo de distribuição por área do conhecimento. Isso ocorre, segundo a coordenadora, em um momento específico, no qual se promove uma reunião pedagógica, e então os livros são entregues aos professores das áreas afins para que eles possam eleger aquele que atenda de maneira satisfatória o processo de ensino aprendizagem de suas respectivas disciplinas.

A coordenação esclareceu ainda que os docentes têm direito a mais de uma opção no ato da escolha do LD, e explica que isso ocorre devido a possibilidade de que a primeira opção não possa ser atendida. Nesse caso, o MEC/PNLD encaminha a segunda opção eleita pelos professores no momento da reunião de escolha. A coordenadora não soube nos precisar se há um limite de opções, mas lembra que na última escolha tiveram direito a duas opções.

Indagada sobre se a escolha feita pela equipe de professores era sempre respeitada, a coordenadora respondeu que depende muito da demanda que o MEC tem, também ressaltou que o fato de estarmos no extremo norte dificulta a chegada dos livros até aqui. Segundo a coordenadora “O LD pode ser uma opção que o Brasil inteiro escolheu”, ou seja, nem sempre o LD escolhido chega à escola, porque tanto o MEC quanto as editoras credenciadas não têm estrutura para suprir a necessidade de um país inteiro, por essa razão escolhem mais de uma opção, embora, muitas vezes não tenha nenhuma das opções escolhidas, nesse caso, o MEC dentro das suas atribuições manda uma terceira opção, opção esta que não foi eleita entre os docentes.

Percebe-se com a entrevista que a coordenação não exerce nenhum tipo de cobrança quanto ao uso do LD, colocando-se a favor da escolha do professor, deixando-o livre para usar ou não, porém em alguns pontos de nossa entrevista a foi afirmado que buscavam orientar o uso pelo fato do aluno ter um LD grande, pesado, e pelo esforço que o próprio aluno tem em trazer para escola, então, em certos momentos a coordenação mostrou-se sensibilizada para o uso, mas sempre afirmando que a escolha é do professor.

Durante a entrevista foi revelado a coordenadora que alguns professores de Língua Inglesa não utilizavam o LD por não ser o escolhido, logo a coordenação explicou que a seleção desse LD em questão foi realizada no triênio de 2012 a 2014, e confirmou que a escolha realmente não havia sido respeitada. Foi ainda reiterado que essa situação gerou uma grande dúvida para a coordenação, pois os professores escolheram duas opções, sendo que o LD que chegou à escola não era a primeira nem a segunda opção feita, então, o MEC mandou um LD que não foi selecionado pela instituição. A dúvida segundo a coordenadora é se a pessoa que preencheu o formulário de escolha modificou a opção escolhida, ou se realmente não havia as duas opções escolhidas e o MEC mandou qualquer uma. A coordenadora disse: “a gente não sabe informar essa situação”.

Pedi-se a opinião quanto à importância do LD para o processo de ensino aprendizagem, o posicionamento foi positivo, pois a coordenação comunga da ideia que o LD é um importante instrumento facilitador da aprendizagem, porém destacou que muitas vezes não atende a realidade social de seus alunos.

O LD para o triênio de 2015 a 2017 já chegou à escola, e segundo a coordenação, o MEC mandou uma quantidade bem menor, e não deu para entregar para todos os alunos, mas, a biblioteca da escola tem uma reserva técnica que atende os alunos no momento de usar o LD.

Observou-se, portanto, que a coordenação não promove nenhum tipo de auxílio e/ou incentivo para que o professor utilize o LD, no entanto, percebe o valor e a potencialidade desse instrumento tanto para o aluno que leva assiduamente para escola, quanto para o professor que lança mão dele por não encontrar relevância didática em alguns aspectos.

De fato há um trabalhoso processo para seleção e escolha do LD, porém há um sistema educacional, que através dos programas didáticos atende as preferencias de escolas de todo o Brasil, e que por muitas vezes é falho. O andamento de todo esse processo coloca em risco o trabalho do professor e o estímulo do aluno, e instiga a refletir sobre os milhões de reais que são gastos em livros didáticos, que não são usados pelo menos como um manual didático ou fonte de estudo para professores e alunos, tornando-se um material inutilizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história do LD remonta a história da escrita, o surgimento do papel até a invenção da imprensa, a partir daí a produção de livros didáticos alcançou grande escala e continua expandindo-se até os dias atuais através de programas que funcionam como facilitadores do processo de distribuição de livros didáticos pelo Brasil. Podemos citar o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) que tem como finalidade subsidiar o trabalho pedagógico dos professores por meio da distribuição de coleções de livros didáticos aos alunos.

Em 2011 o PNLD por meio de suas atribuições garantiu a distribuição de livros didáticos de língua estrangeira moderna às escolas públicas de todo Brasil, o que representou um avanço, visto que esse livro pode ser uma ferramenta muito importante para o ensino aprendizagem do aluno se o professor souber usá-lo de forma que este o auxilie na construção de seus planejamentos por meio de adaptações que podem ser realizadas naturalmente pelo docente, proporcionando assim mecanismos para que o aluno alcance a língua alvo.

A inserção do LD de língua inglesa no ambiente escolar traz questionamentos quanto à eficácia de sua utilização, tais questionamentos por vezes defendem a utilização do LD e outras vezes não, isso porque o professor pode não proceder adequadamente tornando-o um manual completo e acabado capaz de tirar a autonomia do docente. Porém, o LD pode e deve ser visto como um auxiliar nas práticas educativas do professor, que deve saber como ajustar os conteúdos do LD com a realidade da turma, no intuito de alcançar os objetivos traçados.

Durante a produção do LD todo conteúdo é norteado segundo uma ou mais metodologia de ensino, sendo assim cabe ao professor se atualizar e saber como fazer uso do livro através das diversas metodologias existentes nele. Além disso, o método utilizado na produção do livro não precisa ser o mesmo aplicado pelo professor durante as aulas, pois o mesmo tem liberdade em adaptar seus conteúdos e eleger um ou mais métodos que melhor atenda os anseios de seus alunos.

Apesar de o professor ter autonomia em sala de aula para criar, recriar, construir, reconstruir os conteúdos, muitas vezes a percepção dele é que seu aluno

não é capaz de atingir seus objetivos, dessa forma ele abre mão do LD não oportunizando a ruptura das crenças existentes quanto ao uso do LD de língua estrangeira, como por exemplo, pensar que é impossível ensinar inglês em escola pública, subestimar a potencialidade dos alunos, ou ainda, a dificuldade que o próprio professor tem com o manuseio e uso dessa ferramenta.

Na Escola Estadual Dr. Alexandre Vaz Tavares, especificamente em três turmas foi possível analisar a percepção dada ao LD pelos professores, pelos alunos, e fora da sala de aula pela coordenação pedagógica.

A relação instituída entre os três professores de língua inglesa e o LD na prática em sala de aula não era tão forte, pois a maioria dos docentes preferia escolher os conteúdos e atividades retiradas de outras fontes, essa atitude deve-se ao fato de os professores considerarem os conteúdos e atividades do livro em questão como não condizentes com os conhecimentos dos seus alunos.

Outro fator que influenciou os docentes a deixar de lado o LD foi a frustração quanto à escolha do livro feita por meio de reunião, buscando uma opção que encaixasse nos anseios de todos os professores de uma mesma disciplina. O LD escolhido por eles não chegou à escola, causando um grande desconforto para a equipe que se sentindo desrespeitada ignorou o LD disponível como resposta a falha ocorrida. Tal fato foi confirmado na fala da coordenação pedagógica e na prática de sala de aula dos professores pesquisados, pois durante a observação livre pôde-se constatar que apenas 33,3% dos professores usavam o LD adotado. O que chama atenção é que podem até existir livros melhores ou piores, mas é o professor quem define através de sua prática como será o resultado final.

Quanto aos alunos percebe-se que a maioria gosta do LD de Língua Inglesa, considerando-o importante para seu aprendizado. Porém, com relação ao nível de inglês e com a atratividade que o LD apresenta os alunos consideram os conteúdos pouco condizentes e o livro pouco atrativo. A resposta deles sobre a utilização do livro em sala, assim como a utilização do CD anexo ao LD foi negativa, confirmando as entrevistas e as observações das aulas. Para os alunos a linguagem empregada no LD está em conformidade com a etapa de ensino em que eles se encontram, e as atividades mais realizadas são leitura e interpretação de textos, sendo estes textos

considerados interessantes pela maioria dos alunos. Analisando todas as respostas percebe-se que é possível utilizar o interesse dos discentes em favor do uso do LD como um dos materiais didáticos em sala de aula.

Deste modo os objetivos da pesquisa foram atingidos, pois se conseguiu analisar se as hipóteses condiziam com a realidade ou não. Os professores consideram o LD importante, refutando assim a primeira hipótese levantada, sobre não estar preparado para lidar com o LD, somente um dos professores disse sentir falta de uma orientação mais específica sobre uso do LD, o que pode se considerar uma hipótese com fundamento. O LD não norteia a prática de dois professores, que se tratando da maioria faz a terceira hipótese não ser refutada. Em relação ao conteúdo do LD não ser condizente com os conhecimentos dos alunos pode-se perceber que os docentes confirmam esta última hipótese.

Dessa forma, a inserção do LD de Língua Inglesa nas práticas educativas dos professores da Escola Estadual Dr. Alexandre Vaz Tavares mostrou-se pouco relevante, pois a maioria dos professores não utilizava o LD. Então, percebe-se que os reflexos desta inserção não foram significativos, uma vez que os docentes lançavam mão dessa ferramenta por não considerá-la adequada a seu aluno. Assim, embora, o MEC através do PNLD faça altos investimentos para que o LD de Língua Inglesa chegue à sala de aula considera-se pouca a importância deste acontecimento na escola pesquisada.

Portanto, esse estudo fornece subsídios para a atuação do professor de Língua Inglesa, pois o permite conhecer os motivos que seus colegas professores dão para tomada de decisão de não fazer uso do LD como uma das fontes que o ajuda a orientar sua prática pedagógica. Além disso, permite reconhecer as percepções dos discentes quanto aos vários aspectos do uso em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. **Dimensões Comunicativas no ensino de Línguas**. Campinas: Pontes, 1993.

BITTENCOURT, C. M. F. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). In: **Revista Educação e Pesquisa**, vol.30, n.3, São Paulo, p. 475-491, Set./Dez. 2004.

BRASIL. **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação**. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico>. Acesso em abril de 2015.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12598:publicacoes&Itemid=859. Acesso em abril de 2015.

BRASIL: Ministério da Educação. Secretária de Educação Fundamental. **Guia do Livro Didático**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

CASSIANO, C. C. F. Mercado de livro didático no Brasil. [on-line] **I Seminário Brasileiro sobre Livro e História** Editorial. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br>. Acesso em fev. 2015.

FREITAG, B. et al. **O livro didático em questão**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

FREITAG, B., COSTA, Wanderly F. da, MOTTA e Valéria R. **O Livro Didático em Questão**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

GANDELMAN, H. **De Gutenberg à Internet: direitos autorais das origens à era digital**. 5. ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 2007.

GATTI JÚNIOR, D. **A escrita escolar da história: livro didático e ensino no Brasil**. Bauru, SP: Edusc; Uberlândia, MG: Edufu, 2004.

HOLDEN, S. **O Ensino da Língua Inglesa nos Dias Atuais**. SBS Editora, 2009.

JORGE, M. L. S. Preconceito contra o ensino de língua estrangeira na rede pública. In: LIMA, D. C. (org.). **Ensino e Aprendizagem de língua inglesa: conversa com especialistas**. – São Paulo: Parábola editorial, 2009.

LIBÁNEO, José Carlos. **Didática: Velhos e Novos Temas**. Edição do autor, 2012.

LOPES, A. C. **Currículo e Epistemologia**. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

MACHADO, N. J. Sobre livros didáticos: quatro pontos. In: BRASIL. INEP. **Livro didático e qualidade de ensino**. Em Aberto, Brasília, ano 16, n.69, jan/mar, 1996.

MENEZES, V. L. História do material didático. In: CRISTOVÃO, V. L., DIAS, R. **O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

MOSOROV, I. e MARTINEZ, J. Z. **Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira: A Didática do Ensino e a Avaliação da Aprendizagem em Língua Estrangeira**. Curitiba: Editora Ibpex, 2008.

RAYMOND, A. M., e SANTOS, V. **Preservice elementary teachers and self-reflection: how innovation in Mathematics teacher preparation challenges mathematics beliefs**. *Journal of Teacher Education* (1995). Disponível em: <http://jte.sagepub.com/content/46/1/58.extract>. Acesso em março de 2015.

STRAY, C. Quia Nominor Leo: Vers une sociologie historique du manuel. In: CHOPPIN, A. (org.) **Histoire de l'éducation. n° 58 (numéro spécial). Manuels scolaires**, États et sociétés. XIXe-XXe siècles, Ed. INRP, 1993.

TOMLINSON, B. (Ed.). (2003) *Developing materials for language teaching*. Londres: Continuum.

_____. (2001) "Materials Development", in CARTER, D. e NUNAN, D. **Teaching English to Speakers of others Languages**.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICE A – Questionário aplicado aos alunos



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ CURSO DE LETRAS COM HABILITAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA

Prezado (a) aluno (a), somos estudantes do 9º semestre de Letras da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Necessitamos de sua atenção para preencher este formulário. Com este questionário pretendemos verificar a sua opinião sobre o livro didático de língua inglesa. Desde já agradecemos a colaboração e garantimos o sigilo dos dados.

IDADE:_____ SÉRIE:_____

1. Você gosta do livro didático de língua inglesa?
 Sim Não
2. Você considera o livro didático de língua inglesa importante para seu aprendizado?
 Sim Não Às vezes
3. Com que frequência o seu professor utiliza-o em sala de aula?
 Sempre Às vezes Nunca
4. Você ouve o CD que acompanha o livro em sua casa?
 Sim Não Às vezes
5. O nível de inglês que o livro didático aborda condiz com seus conhecimentos?
 Sim Não Um pouco
6. A linguagem empregada no material didático é adequada para sua série/ciclo?
 Sim Não Um pouco
7. As atividades propostas no livro didático incentivam você a falar, ouvir, ler e escutar os assuntos de inglês?
 Sim Não Um pouco
8. Quais as atividades abaixo você mais realiza no livro didático?
 - A. Exercícios de memorização de regras gramaticais
 - B. Exercícios comunicativos
 - C. Exercícios de produção textual
 - D. Exercícios de leitura e interpretação de textos.

9. O livro didático é interessante? Atrativo? Há uma mistura apropriada de gráficos e textos?

Sim Não Um pouco

10. Os textos apresentados no livro didático são atuais, interessantes, variados e voltados para a sua realidade?

Sim Não Às vezes

APÊNDICE B – Roteiro da entrevista semiestruturada aplicada aos docentes



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ CURSO DE LETRAS COM HABILITAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA

Entrevista semiestruturada – Docentes

1. Para você, qual o papel do Livro Didático no ensino-aprendizagem de inglês?
2. Houve por parte da Secretaria de Educação a promoção de curso de formação ou momentos para discussão quanto ao uso do LD, no período anterior à inserção do livro didático na escola?
3. Como se deu o processo de seleção do LD na Escola Estadual Dr. Alexandre Vaz Tavares?
4. Você utiliza o LD adotado?
5. Você teve dificuldades de inserir o LD em sua metodologia? (Pedir justificativa)
6. Com que frequência você faz uso do livro didático em sua prática pedagógica?
7. Quais são as dificuldades encontradas (se houver) que impossibilitam o uso efetivo do LD?
8. Considerando que materiais didáticos são todos aqueles que facilitam o ensino, quais os materiais que você utiliza além do LD?
9. Você utiliza o livro didático na íntegra ou realiza adaptações? Que tipos de adaptações?
10. Você considera os conteúdos abordados no LD adotado pela escola, condizentes com o nível de conhecimentos dos seus discentes? (Pedir justificativa).
11. Fazendo uma análise dos aspectos positivos e negativos a respeito da inserção do LD, no seu ponto de vista, quais os reflexos desta inserção na sua prática educativa? (Pedir justificativa).

APÊNDICE C – Roteiro da entrevista semiestruturada aplicada à Coordenação Pedagógica



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ CURSO DE LETRAS COM HABILITAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA

Entrevista semiestruturada – Coordenação Pedagógica

1. Como é feita a escolha do LD aqui na escola?
2. Os professores têm liberdade de escolher o livro que quiserem?
3. Já aconteceu algum equívoco em relação à entrega?
4. Há alguma cobrança por parte da coordenação quanto ao uso do LD?
5. O professor tem o livro arbítrio de usar ou não o LD?
6. Qual a opinião da gestão escolar quanto ao uso do LD, é importante para a aprendizagem?

APÊNDICE D – Transcrições das entrevistas com os professores

Professor A

E: Entrevistador

P: Professor

E: Obrigada professora pela disponibilidade. Eu tenho onze questões, claro, que tem algumas que a senhora já me adiantou que não usa o livro, né? Mas, aí só para registrar mesmo. A primeira questão que eu tenho aqui é: pra você qual o papel do Livro didático no ensino-aprendizagem de língua Inglesa?

P: Acho que o livro é importantíssimo, porque a gente sabe que aprender com o visual é bem mais fácil, não é? Do que com o abstrato. Então, eu acho o livro didático muito importante. Fundamental.

E: Ok. Houve por parte da Secretaria de Educação algum curso de capacitação ou um momento de discussão quanto ao uso do livro didático no período em que ele foi inserido aqui na escola?

P: Não que eu recorde.

E: Não?

P: Houve algumas chamadas para treinamento, mas não especificamente para livro didático.

E: Ah. Não especificamente. Como se deu a escolha do livro didático aqui na escola?

P: Como pede lá no regulamento, né? Que façamos... Que possamos reunir todos os professores da área, que olhemos os livros oferecidos, né? Que estão a disposição no mercado, que é aprovado, né? Porque tem que ser aprovado pelo MEC. E feito isso a gente escolhe aquele que nós achamos que é mais adequado para o nosso aluno.

E: São só os professores de língua Inglesa ou estrangeira?

P: Só língua Inglesa. De inglês é inglês, e espanhol com espanhol.

E: Ok. A senhora não usa o livro didático adotado, né?

P: Nesse ano eu não usei, por questões... Até em resposta, né? Ao trabalho que nós tivemos nos anos anteriores que foi solicitado a escolha. Nós reunimos várias vezes, escolhemos aquele que nós achávamos ser o livro melhor para o aluno, e quando

chegou ao final o livro não veio. Então, nós achamos que foi um desrespeito com nós professores e, principalmente, com o aluno, porque não foi escolhido o melhor livro para o aluno.

E: Até porque os livros são consumíveis. Eles podem ficar com esse livro, não precisa devolver para a escola.

P: É. O 1º ano e 2º ano eles devolvem. E no 3º ano eles podem ficar. Acho que é mais ou menos assim.

E: Ah. Ok. Então, quanto às dificuldades... Foi essa que impossibilitou o uso.

P: Somente por conta da escolha, né? Tivemos todo o trabalho, fizemos a escolha, e o livro não veio. Essa ainda é uma questão muito séria. O fator político influenciando negativamente no pedagógico.

E: Ok. Considerando que materiais didáticos são todos aqueles que facilitam o ensino. Quais são os materiais que a senhora utiliza? Já que não utiliza o livro didático.

P: Eu uso recurso próprio e é composto de vários conteúdos que eu mesma selecionei, porque sei que é uma sequência adequada pra quem aprende uma língua estrangeira. Você sabe né? Foi minha aluna. E não pode ser qualquer sequência. O ensino da língua estrangeira é fundamental que você comece do início até chegar à leitura e interpretação. Os livros didáticos do ensino médio vêm cheios de textos. Eu como professora da área discordo um pouco com isso. O aluno precisa sim ler, e ler textos agradáveis, ele não precisa apenas ler por ler. Então o que eu faço... Eu tenho material próprio, né? Uma sequência lógica para fazer com que o aluno aprenda a língua do início até o final que é leitura e interpretação, comunicação... E, também trabalho textos através de músicas, né... Eles gostam muito.

E: Filme, né?

P: Filmes. É... Aulas de pequenos vídeos para ajudar na compreensão da língua estrangeira.

E: Quanto tempo de docência, professora?

P: 24 anos.

E: E aqui na escola?

P: Só no Alexandre (escola) são 11 anos.

E: A senhora utiliza algum outro tipo de livro didático? Tira um material específico de algum livro?

P: Não. Só o dicionário, gramáticas, né? Pra consulta. Eu peço muito para o aluno consultar também.

E: Você considera os conteúdos abordados no livro didático adotado pela escola... A senhora conhece o livro didático da escola, né? Eles são condizentes com os conhecimentos dos alunos?

P: Agora se vier o livro que nós escolhemos. Ele vai ser bastante condizente, mas é claro que tem que ter o trabalho prévio. O livro por si só não vai atender ao aluno. É preciso que o professor faça um trabalho antes, porque o livro didático do ensino médio subteme que o aluno já viu todo o inglês de 5ª a 8ª, e que ele é capaz de ler no ensino médio, mas infelizmente isso não acontece. Eu não sei por qual razão, mas o aluno não está chegando ao ensino médio com essa base que nós precisamos.

E: Fazendo uma análise dos pontos positivos e negativos a respeito da inserção do livro didático. No seu ponto de vista, quais são os reflexos dessa inserção nas práticas educativas aqui na escola?

P: Bom, eu não uso, então fica difícil. Mas eu tenho outras experiências com uso do livro didático.

E: Aqui na escola?

P: Não.

E: Foi implantado em 2011 na escola?

P: Sim.

E: Ok. Pode continuar.

P: O livro didático seria perfeito se nós tivéssemos o livro adequado, né? Porque você... O livro didático adequado de língua Inglesa tem que ter leitura, escrita... Favorecer né? A leitura, escrita...

E: As quatro habilidades.

P: As quatro habilidades. O speaking, listening... Isso é fundamental. E os livros que eu trabalhei favoreciam tudo isso. Os alunos saíam realmente sabendo, mas foi em outra realidade, que ainda não é aqui. Porque o livro didático da escola pública não é um livro voltado para a “conversação”. Ele é um livro muito... A gente chama de inglês instrumental, muito para o instrumental.

E: Entendi.

P: Agora esse que nós escolhemos da Macmillan. A Macmillan é muito boa. Ele trás situações de “conversação”, trás exercícios práticos para os alunos para que ele

realmente chegue lá no resultado. Eu acredito que se vier esse livro que nós escolhemos, eu vou usar totalmente. Porque depende muito do livro. Eu não uso um livro por usar. Eu só uso se ele for contribuir realmente dentro de sala.

E: Professora essas eram as perguntas. Muito obrigada, mais uma vez, pela sua disponibilidade, se necessário voltaremos a conversar, em uma entrevista com perguntas mais abrangentes. Obrigada.

Professor B

E: Entrevistador

P: Professor

E: Para o senhor, qual o papel do livro didático de inglês no ensino/aprendizagem?

P: O livro tem um papel muito importante para o professor sim, para se orientar, se nortear nas atividades, ter uma sequência, na verdade, ajuda no planejamento que o professor faz, se ele já tiver um planejamento, ele pode seguir o livro ou dentro do planejamento que ele fez buscar no livro tópicos que ele planejou. É... é importante.

E: Ok. O livro didático de língua inglesa foi implantado em 2011, houve algum direcionamento da secretaria de educação de como vocês poderia começar a usá-lo?

P: Não... Na verdade nós tivemos algumas opções de livros para a gente escolher e o que veio para a escola, mas o que veio para a escola nem foi o que a gente escolheu, nós escolhemos um livro de uma editora, não sei o porquê veio de outra editora aí.

E: Não teve nenhum direcionamento? Nada?

P: Não teve um acompanhamento, não teve uma orientação.

E: Então, como se dá o processo de seleção do livro aqui na escola?

P: O certo seria os professores escolherem, a gente escolheu mas acabou vindo outro. Esse ano parece que vai dar certo. A gente escolheu um livro e parece que vem o que a gente escolheu.

E: Nunca havia dado certo essa escolha?

P: Não.

E: Você utiliza o livro didático?

P: Na maioria das aulas, sim, tento adequar dentro do programa que a gente já tem, que a gente faz no início do ano. Mas sinto que falta um pouco de suporte, de aparelhos tecnológicos, um gravador, um data show, alguma coisa diferente.

E: Você sentiu alguma dificuldade com a inserção do livro?

P: Sim. Senti um pouco de impacto porque esse livro é para quem já faz um acompanhamento e já tem um bom nível de inglês desde a quinta série ou sexta série, o que não é o caso deles, então para eles parece que é mais trabalhoso. Eles têm dificuldade.

E: Com que frequência você o utiliza? Todas as aulas?

P: Em todas as aulas. Todas as aulas eu tento pegar alguma atividade do livro para eles fazerem.

E: O senhor falou sobre as dificuldades, o senhor diz que o conhecimento dos alunos não condiz com o livro, né?

P: Sim.

E: Além do livro didático, o que mais você utiliza como suporte?

P: Outros livros, outras fontes de pesquisas, que eu passo o assunto no quadro, algumas apostilas, algumas coisas eu peço para eles pesquisarem. A facilidade do acesso à internet hoje em dia muitos alunos têm essa ferramenta e eles utilizam para pesquisar.

E: Você tenta realizar adaptações no livro?

P: Sim. Sim. Vou usando dentro da possibilidade que a gente tem, dentro do conhecimento que os alunos têm. Porque tem turmas que são melhores, eles usam até questões mais complexas, alguns estudam fora, outras turmas não, outras parecem que são mais devagar. Por mais que o professor se esforce, planeje. Porque assim no início do ano a gente começa com todo o gás, animado, planejando, mas algumas turmas desestimulam o professor. Eu tô dando aula há mais de 20 anos já, no ensino público tem 14 anos aqui nessa escola. Então a gente fica as vezes desestimulado.

E: O senhor dá aula há 20 anos?

P: Mais de 22 anos para ser mais exato, comecei com 18 anos.

E: E aqui na escola?

P: 14 anos aqui desde 2000, as vezes desestimula um pouco. E outro detalhe que os alunos fazem inglês primeiro, segundo ano e terceiro e as vezes faziam o

vestibular que agora é o ENEM né? Para espanhol, eles acabam escolhendo outra língua por achar que o espanhol é fácil. Eu tento explicar que não, mas é difícil.

E: Mas em geral, o senhor olhando todos os alunos, o conhecimento que o livro didático traz condiz com o conhecimento deles?

P: Sim. Hoje em dia sim, eles estão trazendo conteúdos bem atuais sobre internet, do ambiente, problemas ambientais, então os alunos de hoje são mais é... assim, inteirados com o que acontece no mundo ao redor deles. Antigamente a gente tinha uma diferença muito grande até regional, chegava aqui a realidade era outra, mas hoje em dia já tá um pouco mais pronto. Não o ideal ainda, mas geralmente esses livros são feitos para outros centros.

E: Para terminar, o senhor acha que teve diferença do antes para o depois da inserção do livro didático? Teve alguma diferença na sua prática pedagógica? Ele ajudou o senhor ou não?

P: Bem... agora que é a pergunta. Eu acho que de alguma maneira ajudou, não como de repente ele foi feito para um objetivo, talvez eu não tenha seguido o objetivo, talvez por falha minha de não ter feito um planejamento ou não ter tido um acompanhamento da editora, de como seria a melhor forma de usar esse material para ajudar os alunos, então pode ter sido uma falha minha ou pode ter sido da editora. Melhorou sim, mas poderia ter sido muito melhor se tivesse a oportunidade de trabalhar a parte oral.

E: E o senhor não utiliza o *listening* porque não tem equipamento, né? A escola não oferece, sendo que ela devia oferecer.

P: Devia. E eu também devia trazer de casa, procurar me esforçar um pouco mais. É.. eu tenho que reconhecer.

E: Mas se a escola não oferece, o professor não é obrigado a trazer.

P: Se tivesse um laboratório, se tivesse um local que você pudesse mostrar vídeo, uma música, algo mais interessante, seria bem melhor.

E: E a sala multimídia funciona?

P: Só vive agendada.

E: É difícil conseguir uma vaga?

P: É difícil, é muito difícil alguém conseguir.

E: Então tá, obrigada pela atenção.

Professor C

E: Entrevistador

P: Professor

E: Para a senhora, qual o papel do livro didático de inglês no ensino/aprendizagem?

P: Olha, eu já vi bons livros didáticos tanto que a gente tinha avaliado alguns na época da escolha do livro anterior e desse, tem alguns livros que até traz opções regionais, a questão do açaí e comidas típicas aqui do Amapá bem interessante, só que na hora que eles enviam o livro, eles enviam o que eles querem. E aí o que acontece, como nós temos alunos oriundo de várias escolas que nunca viram inglês de 5ª a 8ª e nem de 1ª a 4ª viram inglês ou só inglês ou só espanhol, quando chega aqui fica difícil você adotar um livro didático de 1º ano porque eles não vão conseguir acompanhar, que metade ou mais não viu inglês. Então os livros eles não são ruins, é porque muitas vezes eles não estão dentro do que a gente necessita, não atende as nossas necessidades.

E: É, e aí a gente soube através da secretaria para nosso TCC que os livros didáticos de língua estrangeira foi implantado em 2011.

P: Faz uns 3 anos mais ou menos.

E: Eles deram algum direcionamento para vocês trabalharem com ele ou só enviaram os livros?

P: Não. Os livros são as editoras que mandam pra gente avaliar e verificar qual que atende a nossa necessidade, aí a gente faz a escolha só que é aquilo que falei, a gente escolhe um e acaba recebendo outro.

E: Então a seleção do livro são vocês mesmos que fazem?

P: É, escolhemos. E daí ficamos na expectativa, a gente espera que venha livro que a gente escolheu porque agora teve escolha de livros né.

E: E a utilização, você utiliza o livro didático?

P: Olha, tem algumas atividades que eu faço do livro, o que dá para aproveitar eu gosto de aproveitar.

E: Mas pensando nas dificuldades, você teve alguma dificuldade na inserção?

P: Antes de 2011 eu já usava um material apostilado que eu produzi, eu fui produzindo aos poucos nos meus primeiros anos de trabalho eu ia fazendo atividade com os alunos depois eu compilei todas e fiz uma apostila, depois de um três anos

eu juntei tudo aquilo que eu tinha digitado, planejado e coloquei porque daí eu fui vendo o que dava certo, o que não dava e fui avaliando ou melhorando a atividade.

E: Com que frequência você o utiliza?

P: Pouquíssimas. Raríssimas.

E: Raríssimas né. E quanto às dificuldades... (interrompida)

P: Até porque eu posso te mostrar o livro, ele vem com textos longos, com o vocabulário difícil e como a gente tem essa diversidade aqui no estado de vim alunos que nunca viram inglês no ensino médio pra cá então fica complicado como é que vou trabalhar um livro desses com os alunos.

E: No livro vem um CD né?

P: Vem.

E: E a escola disponibiliza algum equipamento para você usar o CD?

P: Não.

E: Se você quiser você tem que trazer né?

P: Eu tinha um rádio que eu comprei com som, com fita, com CD e DVD e ele estragou, aí eu desisti porque poxa a gente investe traz o material pra cá e aí não tem nenhum apoio e eles querem que faça uma atividade de qualidade, uma aula interessante mas você não tem apoio para isso. Agora, por exemplo, a gente tá trabalhando o ensino médio inovador que é um novo projeto e aí a gente vai pra sala e eles que faça coisas diferentes do normal que a gente tá acostumado, aí você quer usar um datav show não tem, quer levar para o vídeo não dá porque tá ocupado o tempo todo, teve um período de ficar o semestre todo reservado para educação física, o semestre inteiro. Você não tem um auditório que agora que eles colocaram ar no auditório né, que climatizaram, ou seja, é... só você.

E: É mesmo?

P: E aí como que você vai fazer uma atividade interessante? Eu quis trabalhar jogos, aí levei a proposta para sala só que o que eu fiz, eu não tenho material para oferecer, pedi para que eles planejassem as regras e depois produzissem em casa esses jogos, ou seja, pela falta do recurso.

P: Eu quero trabalhar músicas, aí já fica difícil. Porque o cabo de áudio estraga, as coisas perdem, você viu olha andando aqui o pessoal não tinha pincel pra me dar, aí tava fraco meu pincel eu comecei a passar lá e fica difícil para quem tá lá no fundo enxergar.

E: Então o seu material é apostila né?

P: O que eu mais utilizo é apostila e quadro que eu passo as revisões, passo o reforço porque as vezes a apostila você percebe que o aluno não entendeu a atividade então você passa uma outra atividade para reforçar, cada turma é diferente uma da outra.

E: E quando a senhora usa livro, a senhora faz adaptação?

P: Sim.

E: O conhecimento do aluno não é condizente com o livro?

P: Não.

E: Não né?

P: Eu vou te mostrar não sei se você conhece o livro que eles mandaram, eu acho que foi o livro mandado para todas as escolas. Sabe, eu adoro dar aula, eu amo minha profissão só que são esses fatores que eu falei para você que desanima a gente, você tem uma boa vontade mas se você quiser fazer você tem que tirar do seu bolso.

E: Entendo.

P: Olha esse aqui é o livro 1, o livro que deveria ser trabalhado no primeiro ano do ensino médio, só essa frase aqui da frente você já percebe que não é para um nível inicial de inglês. Aí tem os conteúdos né... Como é que eu vou começar a trabalhar nisso aqui?

E: É para alunos que já estudaram né?

P: É que já viram. E olha esse texto, olha esse vocabulário, ai eu vi um percentual que viu inglês e um percentual que nunca viu inglês.

E: É verdade.

P: Ou seja, o livro não é ruim só que ele não atende a necessidade do professor ele não ta adequado e mesmo assim, olha aqui ó (mostra o livro) para duas aulas semanais.

(Risadas)

E: São poucas aulas e muito conteúdo então eles não aprendem né?

P: Não aprendem. Até porque você tem uma sala com uma quantidade de alunos e uma realidade bem complicada que é uns que viram outros que não viram, ai você vai trabalhar esse CD, os *listening* dele não são simples, ai você precisaria de silêncio, de um áudio bem... que desse para você compreender bem as palavras. É complicado. Então você faz o que é possível.

E: Para terminar, quais os reflexos da inserção do livro na sua prática?

P: Eu fiquei muito feliz na realidade quando disseram que iam mandar o livro de inglês, eu fiquei muito feliz e aí a gente empolgado né a gente escolheu um livro que a gente considerava que ia atender a nossa necessidade. E aí quando chegou o livro (risadas) ... Isso é bom porque né, ou seja, como eu vou usar isso aqui, como?

E: Então primeiro a senhora ficou feliz e depois.... (interrompida)

P: Mas é lógico que ele auxilia, não é que eu vou trabalhar só o livro, é igual como eu te falei, tem apostila? Tem. Mas eu preciso trabalhar algumas coisas fora porque dependendo da turma você vai notando onde tá a deficiência onde foi que eles não entenderam, aí você vai passar uma atividade para que eles entendam melhor né? Porque eu assim ultimamente tento explicar individualmente, porque eu tento explicar para o todo. (pausa) (risos) Não dá né? É difícil, e você pode passar a aula inteira presta atenção, fica quieto, presta atenção! Aí você explica daqui a pouco pergunta “professora o que é isso”? e você acabou de falar (risos) porque as vezes eles até tão olhando pra você, entendeu? Então eu optei por essa forma, eles fazer aí vão me perguntando e eu vou respondendo, aí quando eu olho o que eles fizeram eu vejo já o que tá errado, eu explico. Eles têm aprendido muito mais, não sei se você notou que eles conseguem responder, aqueles que estão interessados, eles progridem bastante.

E: Sim. Então professora, muito obrigada.

P: De nada, obrigada você.